

**CONSOLANDO
OS QUE
SOFREM**

DOM. ANTONIO MARIA ALVES DE SIQUEIRA





CONSOLANDO OS QUE SOFREM

125327 Sebo Releituras Centro



Barão do Serro Azul, 71

Curitiba-PR

(41) 3304-7461

releituras_centro@hotmail.com R\$ 12,00

Religião Católica

Siqueira, Antonio Maria Alves de

Consolando os Que Sofrem

-

125327

D. A. M. A. S.

CONSOLANDO
OS QUE
SOFREM



SÃO PAULO

1959

IMPRIMATUR

São Paulo, 11/8/1958

† **C. Card. Motta**
Arceb. Metrop.

Ao Coração mimoso
da Senhora das Dores,
em cujos lenitivos
desejamos envolver
estas páginas.



Aos queridos radiouvintes enfermos,
no corpo ou na alma,
cuja afetuosa lembrança
apresentamos às bênçãos
de Nossa Senhora de Lourdes,
na Peregrinação do Centenário.

PROÊMIO

NAQUELA manhã, numa saleta da Casa Paroquial de Nossa Senhora do Brasil, a ceguinha veio procurar-me.

Levantei-me a seu encontro, achei-me, abracei-a.

Ela estava jubilosa.

E, emocionada, me saudou: — O meu amigo das solitárias horas da tarde!

E contou da sua fiel assiduidade ao programa da Nove de Julho, — “Consolando os que sofrem”.

Falou da alegria e conforto que Deus lhe proporcionara, mercê das irradiações dedicadas aos corações angustiados pela enfermidade e pela aflição...

* * *

Em visitas a Sanatórios e Hospitais, em casas particulares e cartas inúmeras, encontrei a mes-

ma simpática acolhida a estas singelas palavras que brotam de um coração desejoso de levar consigo.

Quisemos enfeixar algumas dessas meditações num pequeno volume, que as perpetuasse um pouco mais na memória, do que as efêmeras ondas amigas onde nasceram.

* * *

Para a mesma finalidade afetuosa.

Entraram pelos ouvidos.

Entrem pelos olhos.

Oxalá venham a florescer nos corações.

Sempre com a bênção do Senhor e os carinhos de Nossa Senhora.

Dom Antônio Maria Alves de Siqueira

São Paulo, 15 de agosto de 1958.

I

UMA VISITA DE DEUS

HÁ um longo e dolorido silêncio nos vossos lares, nas calmas enfermarias de vossos hospitais.

Quem sabe, um silêncio mais triste ainda no vosso coração, talvez abandonado e solitário...

Esta palavra que ora chega até vós, e envolve os vossos sofrimentos, deseja ser uma visita de Deus.

Um suave Anjo de conforto, um bálsamo samaritano de fé e de esperança.

Para aliviar as vossas dores, serenar as angústias que vos oprimem o coração.

* * *

Filhos de Deus, participantes da vida celeste pelo Sacramento do Batismo, que nos colocou na família divina, nós aguardamos o nosso quinhão de felicidade e de paz.

Todos nós o esperamos, em nossos caminhos da terra.

E eis que a doença nos assalta, a aflição vem angustiar a nossa alma.

E ao invés da felicidade que sonhávamos, sentimos a desolação, o peso opressor da agonia.

Assim como Jesus, no Jardim das Oliveiras, iniciando a Paixão, sozinho, abandonado Êle também pelos seus mais íntimos que, ao lado do seu sofrimento, dormiam um sono de indiferença...

* * *

Como foi dura para Nosso Senhor aquela hora de angústia, em que Êle sofreu antecipadamente, no coração, todos os horrores de sua Paixão e Morte !

Êle teve medo, assim como nós temos medo. Medo da dor, medo da Cruz, medo da morte...

Êle experimentou um indizível tédio, uma amarga desilusão, porque seria tão mal compreendido o seu imenso amor por nós...

Êle se entristeceu à vista do egoísmo com que nós, seus filhos, nos recusaríamos a participar de sua paixão redentora.

* * *

Mas nós tentamos compreender.

Colocar o espírito cristão em nossa cruz.

É uma graça sofrer !

É um imenso tesouro, sofrer com mérito para o céu !

Num sofrimento que seja redentor — como o de Jesus Agonizante — e que lave as nossas culpas e os pecados dos nossos irmãos.

A Jesus, nos extremos de sua aflição, no Horto das Oliveiras, o Pai dos Céus enviou um Anjo de conforto.

* * *

Assim para nós, Ele também envia sempre um meigo lenitivo :

Os corações que estão ao nosso lado.

Os que se debruçam, cheios de simpatia, sobre o nosso leito.

Os que nos dizem seu amor, nos carinhos de seus cuidados.

Mas a grande luz de conforto, que paira sobre a nossa enfermidade, é sobretudo a nossa Fé, que nos faz aceitar, rezar, unir-nos ao sofrimento de Jesus, confiar em nosso Pai dos céus, e abandonar-nos a Ele.

Que nos traz Nossa Senhora, nossa Mãe de lágrimas e de dores, como dulcíssimo anjo de carinho, junto a nossos corações desolados.

É Ela que sempre, como agora, junta as nossas mãos e põe nos nossos lábios a prece de nossa fé, de nossa esperança, de nosso amor.

II

CRUZ, ESTRADA DE LUZ

NO dia imortal de nosso batismo, a Santa Igreja nos assinalou com a Cruz. Traçou-a em nossa frente, em nosso peito, em nossas costas.

Ela seria companheira inseparável de nossa vida.

Nossa frente foi assinalada, para que, enobrecidos com a cruz de Cristo, soubéssemos meditá-la e aceitá-la.

Nosso peito, para que fôssemos capazes de recebê-la em nosso coração.

Nossas espáduas, para que não recusássemos levá-la como Jesus, até o Calvário.

E para tôda a nossa vida, aprendemos a traçar sôbre nós o Sinal da Cruz.

* * *

Ah! se o fizéssemos sempre com aquela majestosa lentidão e amplo gesto com que o fazia Bernadette, a quem Nossa Senhora ensinara...

A Incarnação é Redenção dolorosa. Para o Senhor e para nós.

Quando o compreendemos, recebemos nossa parte de céu.

Tudo se aclara, em nossa vida, tudo se adoça.

A enfermidade, visita de Deus, é penhor de nossa união com Jesus que nos redime e salva.

* * *

Há tempos li uma carta de doente.

Era da Jacira, internada na Colonia de Santa Teresa, em Santa Catarina.

Sabia que ia morrer, e escreveu uma carta emocionante em que agradecia a todos a bondade, os serviços, os cuidados, tudo, tudo.

E dizia esta coisa linda: — “Deus foi bom para mim. Muito bom. Minha cruz era pesada, terrivelmente pesada como uma montanha de pedra. Mas o Senhor a transformou de tal maneira, que agora ela pesa como a pluma do peito de um passarinho”...

Feliz Jacira, que recebeu já o prêmio de suas dores e de sua resignação!

* * *

Para todos nós, hoje ou amanhã, cedo ou tarde, breve ou longamente, Jesus é uma Cruz, Jesus é um Crucificado.

Foi-o para os Apóstolos: uma espada para Paulo, uma cruz para Pedro e André, um gládio para Bartolomeu, pedras para São Tiago... Foi-o para os primeiros cristãos, os primeiros mártires.

Foi-o sobretudo para Maria... a suave Corredentora, nossa Mãe.

Como é bom para nós entrar no jardim das dores de Nossa Senhora!

Como Mãe, Ela quis sofrer primeiro, mais, muito mais do que nós, para que não nos queixássemos.

Filha de reis, não tinha trono, nem palácio, nem honrarias.

Seu Filho não teve berço, mas mangedoura; não teve paço real, mas uma pobre gruta.

As dores de Maria excederam a tôdas as nossas: ver seu Filho crucificado, colocado no seu regaço como uma flor de sangue, esmagada...

Na sepultura, separado Dela, que vivia unicamente para Êle...

* * *

Aprendamos a dizer nossas dores junto ao Coração Imaculado de Nossa Mãe Dolorosa para que Ela nos conforte.

E nos transforme, como a Jacira.

E dê valor à nossa prece, a fim de que a Cruz tão pesada seja, sôbre o nosso coração, tão leve como a pluma do peito de um passarinho meigo...

III

PREDILETOS DO SENHOR

JESUS passava na terra.
Cuidava com amor e solicitude dos discípulos,
a quem ensinava seu Evangelho.

Da multidão, que alimentava no corpo e na
alma.

Das crianças, a quem falava com carinho mi-
moso.

Mas, acima de tudo, eram os enfermos e os
doentes a quem Êle consolava, aliviava, trazia con-
fôrto na Fé, e o benefício da saúde tão desejada...

* * *

Nossos olhos se fecham.

Nossa alma, nossa afeição nos transportam
junto de Jesus.

Êle passa.

Nós nos acercamos.

Êle exige a nossa Fé, nossa crença no Homem Deus, pleno de poder e de bondade.

Nós cremos na missão salvadora do Evangelho, na sábia Providência de Deus em tôdas as cousas.

Êle é o Senhor, Êle é o Mestre !

Nós cremos, como o cego Bartimeu, cuja história S. Marcos nos conservou :

“Jesus passava. E êle começou a bradar :

— Jesus, Filho de Davi, tende piedade de mim !

* * *

Mandavam que se calasse.

Êle gritava mais alto.

Jesus pediu que êle se aproximasse. Então o estimularam.

— Anima-te. Êle te chamou, vai !

Êle deixou o seu manto e exultando se aproximou.

E Jesus, cheio de bondade :

— Que queres que te faça ?

— Senhor que eu veja !

— Vai, tua Fé te salvou !

E êle viu, e louvou ao Senhor, e acompanhava a Jesus...

* * *

Irmãos, com tôda Fé, voltai os olhos para o vosso crucifixo.

Rezai, como os prediletos de Deus.

Como o filho de Timeu, rogai com confiança.

Com Fé, que não é sentimento, nem sentimentalismo.

Não é preciso sentir a Fé, inflamar-se a fantasia, comover-se a imaginação, ou se encherem de lágrimas os olhos.

A Fé é uma decisão de vossa vontade e da vossa inteligência, uma prece de vossa alma, um brado de vosso coração de filhos de Deus :

— “Jesus, Filho de Davi, tende compaixão de nós!”

* * *

Prestai essa homenagem ao Senhor, acreditai no Homem Deus que nos redime com seu poder e bondade, aceitai a luz do Evangelho de Jesus, a providência misteriosa de Deus que escolhe nossas vias, e estende todos os nossos caminhos...

E vivereis a vossa crença, a Fé que vos salva, que adoça as vossas dores, que vos purifica e guia as vossas orações.

Olhai, junto ao leito, sôbre a mesa, ou na parede, ao lado do Crucifixo, a imagem de Maria.

Aquela que creu, a que foi bem-aventurada na sua Fé, nossa Mãe que sofre por nós...

Ela junta as vossas mãos, suaviza o vosso coração e floresce vossos lábios na prece de vossa Fé.

Porque os que sofrem, prediletos do Senhor, são também os mais acarinhados por Maria.

IV

AUSTERA DIGNIDADE DO SOFRIMENTO

AS fôrças quebrantadas do corpo atingem nossa alma.

E porque a doença nos prostrou parece-nos que decaiu também o valor de nossa alma

Engano nosso.

Muitas vêzes há uma quase oposição entre o vigor da carne e a debilidade do espírito.

De tal sorte, que o sofrimento debilitador de nosso corpo é um ascensor seguro para a nossa alma.

* * *

Há na Cruz e na dor, a presença da dignidade cristã.

Porque o sofrimento restaura um equilíbrio que se rompeu, ou em nossa vida, ou no coração de nosso irmão.

Na realidade, o pecado é uma louca tentativa de autonomia contra Deus, uma desordenada fuga

ao Senhor, uma recusa de sua presença em nossa vida.

Ao passo que o sofrimento, aceito com consciência, restitui a Deus o que o pecado tirou.

Submete-nos ao Senhor, ordena as cousas na hierarquia legítima, retorna o nosso coração pródigo ao carinho do coração do Pai.

Não só em nós.

Nos irmãos, também, cuja sorte depende de nós, em cuja salvação somos chamados a participar.

Há uma eleição de escolha privilegiada, que distingue nobremente aqueles membros do Corpo Místico de Jesus que, como o Mestre, devem ser crucificados para a redenção dos homens.

* * *

Uma austera, mas excelsa dignidade, emoldura todos os que sofrem.

Não aprendem todos os homens a respeitar em silêncio os corações alanceados?

Assim os amigos de Jó, ao se acercarem dêle, primeiro guardaram longos dias emudecidos, antes de tentarem suas palavras de confôrto.

* * *

Um esplendor divino aureola o sofrimento.

Deus ao passar na terra escolheu o melhor para Êle e para nós.

E entre as misteriosas eleições, colocou a dor e a Cruz.

Deus-Homem é um símbolo de sofrimento, reparador, salvador, eucarístico, estendido até o fim dos séculos...

O sofrimento nos reveste dessa natureza divina.

A Cruz nos aproxima de Deus na terra, para nos vizinhar d'Ele no Céu!

* * *

A distinção dos altos postos na Recompensa, Deus como que a condicionou aos trabalhos e penas.

Assim, Maria sofreu. E os Apóstolos. E os Mártires. E todos os santos.

É a coragem cristã a moeda que compra o céu.

Amemos a austera dignidade do sofrimento.

E beijemos a mão de Deus, que nos fere para nos elevar, purificar, e tornar-nos eternamente felizes.

NOSSO NOME NO CÉU

ATRAVÉS do retângulo de nossa janela vislumbramos as vészes, os aviões que passam, alígeros buscando seus destinos rápidos.

Naquela tarde, êles estavam desenhando no azul.

Emitiam jactos de fumaça branca e, em curvas ousadas, tentavam escrever grandes letras no firmamento.

Ai ! Elas se dissipavam tão depressa !

Apenas formadas, eis que as correntes e brisas as sacudiam e deformavam, efêmeras como as cousas da terra.

E os aviões que as escreviam, asas abertas e fuselagem alongada, tinham a forma de uma cruz...

* * *

Irmãos, nossas cruces são asas de elevação que nos fazem subir.

Elas escrevem, laboriosamente, o nosso nome nos céus.

Não apenas num azul firmamento de ventos impiedosos, que os desfiguram e apagam.

Mas, no céu do Coração de Deus.

Onde, mais perenemente que no mármore ou no bronze, nossos nomes se insculpem para não se diluir jamais.

Abençoemos as cruzes — divinos aparelhos aéreos — que assim nos sobem e assim escrevem nosso nome no Céu.

É a nossa Fé que nos assegura dessas elevações.

O sofrimento sempre faz subir.

Escreve sempre no céu.

É mensagem de Deus para nós. E uma resposta nossa para Deus.

A cruz é um convite para ascensões. E nós aceitamos ser passageiros de veículos celestes, quando a abraçamos, generosos e fiéis.

* * *

A propaganda comercial daqueles aviões acrobatas era para a leitura de olhos humanos.

As letras se escreviam no céu para serem lidas da terra.

Mas, nossos sofrimentos atraem os olhos divinos.

E o nome de nossas almas e virtudes, heroísmos e paciências se gravam às vêzes, na dolorosa realidade de nossa carne para serem lidos do céu, pelos olhos de Deus, pela solicitude atenta de Nossa Senhora.

Os homens vêem os aeroplanos, sorriem de sua proeza, deletream os traços e os esquecem, com maior rapidez do que a ínfima duração daquelas nuvenzinhas delgadas.

Deus olha para nós.

Sorri, também, de nossa virtude.

Não só com a alegria de uma aprovação, mas com a promessa de uma paternal recompensa.

Ele soletra a nossa enfermidade do corpo, do coração, da alma, penetrando todos os escaninhos de nossas cruces, angústias e sofrimentos.

Não, porém, para o breve olvido dos homens.

Porque aquilo que nossas cruces escrevem no Coração de Deus, aí permanecerá para sempre.

IV

NOSSA MÃE VEM VISITAR-NOS

HÁ muitos séculos atrás, Nossa Senhora fez uma visita.

A uma parente que necessitava de uma assistência de enfermagem solícita.

Santa Isabel, parturiente, que aguardava o nascimento de João Batista, o Precursor de Jesus.

Com que amor, Maria cumpriu aquela sua determinação !

Levantou-se rápida, atravessou apressurada os caminhos, subiu à montanha, entrou na casa de sua prima para saudá-la.

* * *

E eis que Isabel se viu plena do Espírito Santo.

Dirigiu-se feliz e inspirada à Virgem Mãe, venerando a Mãe do Senhor, festejando a própria ventura de se ver assim visitada por Maria.

João Batista ainda no seio de sua Mãe, pres-

sentiu a presença do Verbo Encarnado no sacrário virginal de Maria, e purificado, exultou de gôzo transcendente.

E Nossa Senhora ante os suaves prodígios que sua presença florescera, abriu os lábios para cantar o Magnificat.

Como foram felizes os dias daquela permanência de Maria na casa de Santa Isabel...

* * *

Nós desejamos a visita de Nossa Senhora.

Que Ela venha com a sua Graça Imaculada, com o seu Jesus, com o sorriso de seus lábios e o carinho de seu coração.

Para que Ela nos seja também o lírial veículo do Espírito Santo, Luz e Amor, que nos purifique e ilumine, e aqueça docemente os nossos anelos bons.

Assim como Isabel, nós precisamos de uma Enfermeira Divinal para nossas almas.

Assim como João Batista, desejamos uma presença que nos purifique e nos replene de gôzo santo, que nos sobressalte de alegria.

Quanto anelamos a Visita de Nossa Senhora !

* * *

Ela vem.

Entra em nosso quarto, em nossa enfermaria, em nosso coração.

Nós a saudamos e amamos.

Ela se inclina sôbre nós e nos acarinha.

Dá-nos Jesus !

Faz-nos entender o caminho do sofrimento,
e as purificações redentoras da cruz.

Enriquece-nos de graças santas.

Conforta-nos e nos sorri em alegrias...

* * *

É como se viesse retribuir visitas que Lhe fizemos tantas vêzes, tão carinhosamente, quando, com saúde, íamos às suas igrejas e santuários, às suas devoções e imagens, em romarias devotas à Basílica da Senhora Aparecida...

E experimentamos uma jubilosa alegria, uma imensa gratidão.

Em companhia de Nossa Senhora, esquecidos de nosso sofrimento, purificados e felizes, entoaremos também nosso cântico de Ação de Graças :

Minha alma engrandece o Senhor e meu espirito exulta em Deus meu Salvador !

VII

POR QUE INVEJAR OS FELIZES ?

PARA os fariseus e homens de seu tempo, para os homens de todos os tempos, Jesus contou uma parábola inquietadora.

Daquele homem que gozava de tudo, e tinha saúde, e tinha riquezas, e não conhecia aflições, e se vestia de púrpura e sedas, e se banqueteara todos os dias.

Ao lado d'êles havia outro homem, deitado à porta do palácio, e cheio de feridas e dores. E não tinha remédios, nem comida, nem prazeres, e somente os cães lhe faziam companhia.

Ora, ambos terminaram seus dias e chegaram às contas finais, no limiar daquela Eternidade que é a vida verdadeira, porque jamais conhecerá a morte.

E o pobre doente foi recompensado com a eterna alegria.

E o mau rico foi castigado com as tristezas sem remédio.

* * *

Pode ser que as riquezas, os bens, a saúde nos aproximem de Deus.

Que se aproveitem êsses dons, no desapêgo e pobreza de espírito, sem a êles prender o nosso coração.

Todavia, o outro caminho nos leva mais seguramente ao Senhor.

Não tenhamos inveja daqueles a quem o Senhor cumula de bens da terra.

Refleti.

Deus é justo e não quer que sejam privados de recompensa ainda os menores atos bons.

Êle quer recompensar os pequeninos gestos de bondade, de compaixão, de generosidade, que às vêzes florescem nas mãos dos ricos e poderosos, que não vivem em estado de graça.

E como vê a sua onisciência que não os poderá recompensar na Eternidade, com bens eternos, Deus recompensa ao menos no tempo, com bens passageiros...

* * *

Não tenhamos pois, inveja dos que gozam de todos os bens da saúde, das honras, dos haveres, e não sabem fazê-lo como cristãos...

Diversamente, aqueles a quem o Senhor ama, Éle quer antecipadamente purificar dos pequeninos defeitos, ainda na terra, para que mais depressa possa abraçá-los depois na felicidade do céu!

Não nos conforta essa suave esperança ?

Não vale a pena, aceitar o sofrimento ?

Irmãos enfermos e aflitos, deixemos que neste momento, Maria, nossa Mãe Dolorosa, confortando nossa resignação cristã, junte nossas mãos e faça brotar suavemente dos nossos corações as preces de nossa esperança.

* * *

Porque, assim como o pobre enfêrmo da parábola de Jesus, muitas vêzes nós não temos o remédio e o confôrto, nem a delícia dos banquetes desejados, onde de amor se alimentam os corações...

Talvez nem as pequeninas migalhas do afeto tenham também sobrado para nossa fome de compreensão, de carinho e de amor !

Ora, acolhamo-nos à luminosa promessa das imorredouras palavras de Jesus :

Será grande a nossa recompensa, na terra e no céu.

Na terra, com a florida certeza de que o Senhor nos está purificando e embelecendo nossa alma.

No céu, com os júbilos do prêmio, e o divino banquete do infinito Amor, ultrapassando todos os nossos anelos !

VIII

NO LIMIAR DE MAIO

QUANDO se termina o mês de abril, nossos corações se engalanam festivos para a preparação do mês de maio.

Recordamos: em nossa infância, na adolescência, quem sabe ainda há pouco tempo, como era imensa nossa alegria ao celebrar o mês de maio !

Rezávamos a Consagração a Maria.

Exultávamos de júbilo na Coroação da Virgem.

Em tôdas as Igrejas e capelas, altarinhos, talvez em nosso lar, luzes e flôres, cânticos e preces, homenagens a Maria...

* * *

Mas se há um éco de saudade nessa recordação, se agora em nossos leitos já não podemos

como outrora fazer nosso mês de Maria, não chorremos, não nos lastimemos.

Ela é sempre nossa Mãe.

Nosso coração é sempre um coração de filho amoroso, que quer chegar-se a Ela, carinhosamente.

* * *

Uma manhã, visitando uma enfermaria da Santa Casa e abençoando os acamados, encontrei um doente, olhos fechados pela recente operação.

Ouviu que era o Bispo que estava passando, e disse desejando uma bênção:

— “Senhor Bispo, eu sou religioso, embora não tenha tido mãe quase desde o começo de minha vida”.

Traçando a bênção sobre seus olhos, eu lhe lembrei:

— “Meu amigo, sua Mãe é Nossa Senhora...”

Por certo que foi Ela quem assim conservara aquele bom homem.

Quem a todos nós nos conserva.

Desde o momento do Calvário, em que Jesus lhe disse: — Eis o teu filho — com S. João Evangelista, todos nós a aceitamos por Mãe e A trouxemos à casa de nosso coração.

E a nós todos Ela sabe amar e desvelar-se pela nossa vida, guardando na saúde de nosso corpo, a saúde de nossa alma, ou fazendo-nos

receber cristãmente a doença de nosso corpo, para elevação de nossa alma.

* * *

Nós também faremos nosso mês de maio.
Num altazinho, talvez em nossa enfermaria,
em nosso quarto, junto à nossa cabeceira.

Flôres, velinhas, nosso afeto.

Todos os dias lhe rezaremos.

“Nossa Mãe das Dores!”

Título que nós Lhe demos...

Jesus Lhe deu outros nomes lindos: A Imaculada, Mãe de Deus, Rainha dos Céus e da Terra!

E nós a fizemos a “Senhora das Dores”...

* * *

Mas por isso Ela ouve melhor nossos rogos: para que nos cure, para que nos alente, para que enriqueça nossos pensamentos e nosso coração, nas comemorações de seu lindo mês de maio.

Ela recebe tôdas as festas do mês de maio.

E as coloca junto a seu trono.

Mas o mês de maio de seus filhos enfermos, Ela o aninha dentro de seu Coração.

IX

MAIO ENTRE DORES

TAMBÉM em nossos leitos e dores floresce o
mês de maio.

Rezamos mais.

Com mais confiança.

Com maior enternecimento.

Há uma presença mais viva de Maria ao nosso
lado.

As vêzes, estamos tão sòzinhos... Faz-se um
vazio em tôrno de nosso sofrimento...

Mas, agora, sentimos que Nossa Senhora está
mais presente.

E com carinho nós vamos pensando Nela, nos
seus títulos gloriosos, na sua grandeza e na sua
bondade.

* * *

Maria é Mãe de Deus!

Verdadeiramente Mãe de Deus, porque é Mãe
de Jesus Cristo que é Deus.

Foi uma história bonita, a do Concílio de Éfeso, quando precisamente se reuniram os grandes Pontífices para estudar contra Nestório de Constantinopla, essa alta prerrogativa de Nossa Senhora.

O povo cristão esperava fora. Com ansiedade e com fé.

Todos pediam ao Divino Espírito Santo iluminasse os santos Padres do Concílio, para que dissessem oficialmente a tôda a Igreja o grande privilégio de Maria.

E quando, já de noite, se terminou o Concílio e todos souberam da decisão dos pontífices e doutores, proclamando a Maternidade Divina de Maria, foi um explodir de alegria imensa.

E o povo, com tochas na mão, alumando a escuridão da noite com seus entusiasmos e luminarias, reconduziu a suas casas os Bispos do Concílio, que proclamara Maria — Mãe de Deus!

* * *

Ah! mas Ela é também nossa Mãe!

Jesus o disse, no alto do Calvário, onde nossos corações, no coração de João Evangelista ouviram a suavidade desta palavra — Eis a tua Mãe!

Foi assim, pelos lábios de Jesus, solenemente confirmada a sua Maternidade de Graça.

Maternidade Espiritual, que Ela assumira quando concebeu a Jesus.

Porque Jesus não nasceu Dela como um homem qualquer, mas como um novo Chefe da humanidade redimida.

Nós estávamos compendiados, antecipados, em Jesus quando Êle nasceu de Maria, assim como estávamos compreendidos em Adão quando êste foi feito por Deus.

E pois, nascendo com Jesus, de Maria, nós somos filhos de Nossa Senhora !

Ela sabe ser Mãe.

Saibamos nós ser sempre filhos.

Receber sua bênção, sempre materna.

Invoquemos Maria.

Ainda quando parece não nos ouvir, Ela nos atende.

* * *

Uma das mais lindas histórias de Lourdes é a da menina cega.

Viera a pedir o milagre da luz. Rezou. Rezou.

Foi à fonte, banhou-se, esperou. Rezou mais.

E não alcançou o milagre.

E estava se preparando para partir, quando alguém lhe perguntou :

— Minha filha, você está zangada com Nossa Senhora ?

— Não ! exclamou a feliz ceguinha; Ela me fêz compreender que quer guardar meus olhos para ver sua beleza, virginalmente, no céu !

Porventura esta graça não é maior que o milagre de tôdas as curas ?

Voltemo-nos confiantes para nossa Mãe. Que Ela guarde nossos olhos, nossas mãos, nosso coração, afervorando nossa prece da terra, aumentando nossa glória do Céu !

COROA DAS DORES DE MARIA

MAIS do que nas outras épocas do ano, o mês de Maio nos introduz no Jardim suavíssimo das Dores de Nossa Senhora.

Com emoção e enlêvo, nós nos propomos visitá-lo, nas asas da nossa fantasia e no amor de nossos corações.

* * *

Mas, já no limiar, admirados, nós nos perguntamos: Por que sofreu Ela? Não era Maria a Imaculada, a Perfeita Filha de Deus, a Puríssima, sem pecado?

Reflitamos irmãos, que também nós queremos sempre julgar a Cruz como um castigo de Deus. Nos outros, em nós.

E dizemos, quem sabe: "Eu sempre tenho sido bom... temente a Deus, rezo, respeito a meu próximo, por que me castiga o Senhor?..."

O erro nosso é erro antigo. Nas sagradas Escrituras, no livro de Jó, lemos daquele santo varão que, tentado pelo inimigo, tudo perdera, seus filhos, suas riquezas, a alegria, a saúde, e cheio de feridas se encostara a um muladar... E vieram vê-lo os amigos, e se horrorizaram, tiveram imensa pena, sete dias se quedaram em silêncio...

Depois entraram a perguntar dos crimes de Jó, por que Deus o castigava?

Mas Deus reprovou aqueles amigos falaciosos: Que sabe o homem dos desígnios do Altíssimo? Quem é o conselheiro de Deus? Quem pode entender os seus caminhos?

Não. Não era castigo. Era prova. Era amor de Deus!

* * *

Os próprios discípulos de Jesus pensavam e falavam erradamente acerca do sofrimento.

— “Mestre, quem pecou, este homem ou seus pais, para que nascesse cego?”

Foi preciso Jesus corrigi-los: — Nem êle pecou, nem seus pais, esta dor é para que nêle se manifeste o poder de Deus.

Foi também o amor e o poder de Deus que se manifestaram nas dores de Maria!

Mãe nossa, sobretudo nas suas dores, Ela nos traz ensinamento e lição:

Ela sofreu, primeiro porque era amada de Deus. E assim, de certa maneira pagou sua imensa dignidade.

Sofreu, para que fôsem quase infinitos seus méritos.

Sofreu, porque Mãe de Jesus e assimilada a êle em tudo, máxime na dolorosa Redenção.

Sofreu, enfim, porque Mãe nossa, a fim de que fôssemos confortados em nossas dores, assim por Ela santificadas !

* * *

Como foram imensas! *Velut mare!* Como o mar !

Que sabemos do oceano ?

As ondas que se movem, o gemido que delas se levanta, a perene inquietação, mais nada...

E sem embargo, o oceano contém tantas maravilhas... vales, abismos, flôres estranhas, vegetações ricas, animais fantásticos...

Que poderemos saber das dores de Nossa Senhora ?

Diz S. Bernardino de Sena: Se fôssem repartidas entre todos os homens, morreríamos de aflição...

Foi milagre que Deus fêz, Ela sofrer o que sofreu... Dores profundas na sua alma, no seu co-

ração, no seu corpo tão delicado, tão sensível e perfeito, feito para sofrer...

* * *

Vamos a seu Regaço. Choremos, rezemos, com resignação.

Ela pode nos dizer: Meu filho, minha filha, mais cruciantes que tuas dores foram as minhas dores, mais terríveis que tuas agonias, as minhas agonias, mais pesada minha Cruz do que a cruz de todos os meus filhos que sofrem...

Rezemos, ao carinho de seu olhar, que suaviza nosso sofrimento e o eleva até o seu Coração.

XI

1.^a DOR: A ESPADA DE SIMEÃO

NO Jardim das Dores de Maria, nós nos ajoelhamos ante o primeiro sofrimento: um gladiolo roxo, de forma afilada, quase um punhal.

Foi a Espada de Simeão.

Maria se apresentara no Templo, com o seu Pequenino.

Escrava de Deus, Ela fôra entregar a Deus o que era de Deus.

Pois a Lei de Moisés prescrevia que fôsem consagrados ao Senhor todos os primogênitos.

E resgatados, segundo as posses, com a oferta de animaizinhos mansos, de pombas, rôlas...

Ora, das mãos de Maria, Jeová aceitou o que não aceitara de nenhuma outra mãe, a oferta daquele gentil Primogênito...

Ensina-nos Nossa Senhora a restituir a Deus o que a Deus pertence.

Nossa vida, nossa saúde são dons celestes por Êle colocados em nossas mãos... Não está bem que nós neguemos a Deus o que Lhe pertence, quando assim Êle nos pede...

Na cena da Apresentação de Jesus no Templo, salienta-se com especial relêvo a figura ascética do velho Simeão.

Diz S. Lucas que o Espírito Santo estava nêle, e lhe comunicara que não morreria antes de ver a Salvação de Israel.

E êle viu!

Seu coração transbordou de gratidão e proferiu então o — **Nunc dimittis!** Cântico sublime dos que crêem em Deus e, cansados da jornada, anelam pela recompensa inefável, do convívio eterno com o Pai.

“Deixai, Senhor, partir em paz, minha alma para junto de Vós...”.

Simeão voltou-se para Maria. E inspirado profetizou:

— Tua alma será transpassada por um gládio de dor... Jesus, o teu pequenino e suave Jesus, será pôsto como um sinal de contradição, salvação e ruína...

Esta foi a Espada.

Jesus, ruína? Êle, o Salvador! Que viera para a redenção de todos!

Ah! a responsabilidade de encontrar Jesus na vida! E a escolha, necessária, bem-aventurada ou funesta: amá-Lo de todo o coração, ou odiá-Lo por tôda a Eternidade!...

* * *

Também a doença nos impulsiona a esta escolha, diante de Jesus. Podemos amá-Lo, aceitá-Lo, santificar-nos, fazê-Lo nossa Salvação.

Mas, há a triste possibilidade de recusá-Lo, de não aceitar a visita de Jesus, que pela enfermidade nos faz participantes de sua Cruz...

O Santo Padre em recente alocução aos médicos, observava que "a doença, além de ser um mal físico, pode ser um perigo para a alma...".

* * *

Num dos hospitais de São Paulo passou um dia um homem afastado de Deus, inveterado jogador.

Teve a sua oportunidade de encontro com o Salvador Jesus.

Falam-lhe da visita do sacerdote, uma bênção, a confissão...

E êle recusou: Não queria padre! Queria dinheiro para jogar!

Dinheiro! Dinheiro! E se enfurecia e esbravejava, até que, para satisfazê-lo, lhe puseram

tristes notas de dinheiro nos bolsos do seu pijama, sobre o coração. E foi assim que ele morreu...

* * *

Não. Não será assim para nós. Jesus não será nossa ruína. Mas, nossa Salvação, nossa Glória.

Não daremos à Virgem Dolorosa, na página viva de nossa alma, a repetição daquela primeira dor pungentíssima.

Aceitaremos Jesus, em nossos braços, em nosso coração, em nossa doença, em nossa Cruz, em nossa vida, em nossa Eternidade !

XII

2.ª DOR: O EXÍLIO NO EGITO

NO Jardim das Dores de Maria, deparamos a beleza fanada de uma flor exótica, arrancada à sua pátria, que não se pôde aclimatar, e murchou:

— O Exílio para o Egito.

Pensamento que há constituído um tema fértil para a poesia e a arte.

Entre os grandes artistas, Fra Angélico apresentou a cena triste, numa de suas telas emocionais: — a figura andante de José, Maria — de faces côr de pêssego, a rezar como uma estrêla longínqua, — e o Menino, sempre adorável.

Junto a nós, o pincel ousado de Portinari, desenhou também sôbre o tema do exílio, um sugestivo painel.

* * *

Mas acima da poesia e da arte, o mistério da Dor.

A Dor que mergulha na Noite.
E que atravessa o Deserto.
Para fixar-se no Exílio.

* * *

Poderemos imaginar, na alma delicada e gentil de Maria, essa partida nas trevas, essa angústia do deserto, temido pelos próprios legionários romanos, êsse país distante e idólatra que envolveria a sua vida e os destinos do seu Jesus !

Sombras e trevas. Sobressaltos e alertas. O calor e a sêde. Desconfôrto e isolamento. Silêncio, solidão. O receio do desconhecido, as saudades da pátria lá ao longe...

No Egito, cultuavam-se os ídolos, adorava-se o Sol, entronizava-se o boi Apis.

Que sofrimento para Maria, que carregava nos braços o Filho de Deus vivo, presenciar as idolatrias funestas e diabólicas que roubavam do verdadeiro Deus, as homenagens dos homens...

Sentir desconhecido o seu Menino "mais belo que a mais nivea flor de Lotus a balançar-se sobre as águas misteriosas do Nilo", ver desprezado o seu Deus, o Criador do Céu e da Terra, o Salvador de todos os corações...

* * *

Sufrimento que foi um símbolo.
Quantos abandonam Jesus, pelos ídolos...

E fazem sofrer Jesus e Maria.

O coração dêesses pobres encogados, é como um Egito, e sua casa é cheia de falsos deuses.

Mitos, credices, falsos profetas, superstições, ambições desfreiadas, concupiscências...

Um exílio triste para Aquela que traz Jesus e deseja dá-Lo.

De novo o coração da Virgem se confrange, como no Egito. Lá a sua casa de exílio, não era procurada, apesar de abrigar o próprio Deus...

Mas, no isolamento desta cruciante provação, a Virgem melhor aprendeu a se compadecer de nós, exilados, desterrados, cegos, mercê da luz mentirosa de falsos deuses...

Que a nossa provação, a nossa doença, não nos afastem do verdadeiro Deus, de sua Mãe bendita.

Não ressuscitemos os ídolos que já queimamos. Adoremos Jesus nos braços de Maria. E, ainda no exílio da terra, encontraremos sempre a nossa Pátria do Céu.

XIII

3.^a DOR: OS DIAS DE AUSÊNCIA

O Jardim das Dores de Maria oferece-nos a contemplação de um pequenino e evocador ramalhete de três saudades roxas:

Os Três Dias de Ausência.

Cumprindo seus deveres na religião mosaica, José e Maria, com o Menino de doze anos, buscam Jerusalém e o Templo.

* * *

A viagem foi uma antecipada e mística Via Sacra.

Provavelmente, S. José teria tido já notícias da futura Paixão de Jesus, e era êsse, no sacrário de um augusto silêncio, o tema dos três pensamentos, dos três corações peregrinos.

Buscavam exatamente o Templo, onde o simbolismo de todos os sacrifícios se terminaria com a Grande Imolação de Jesus...

* * *

Mas a idéia da dor, da separação, da morte, não os afastou do caminho de seu dever. Como, ao contrário, Maria e José pensariam em Jesus, na Redenção, e como se teria aumentado nêles o amor ao querido adolescente, "o mais belo dentre os filhos dos homens".

* * *

Que teria sido aquela viagem, peregrinação de piedade, antecipada entrega de Jesus ao Pai?

Que sombras teriam anuviado a alma de José, que pressagas angústias haveriam torturado o Coração de Maria?

Sem embargo, que plácidas aceitações e doloridos abandonos aos desígnios do Alto, haveriam sintonizado num cântico único de fiel submissão aqueles santos viajantes...

* * *

Chegaram a Jerusalém, na semana dos Azimos. Buscaram o Templo. Rezaram suas devoções. José repetiu os salmos de suas preces, Maria os alados versos de seu Magnificat.

E depois... a dor.

No primeiro encontro da caminhada, após longas horas, buscaram o Menino.

Ele não estava com José. Ele não estava com Maria. Ele se perdera...

Ah! a aflição de Maria!

Dentre tôdas as dores, não foi esta a mais cruciante? Pois que as outras, Maria as sofria em companhia de Jesus. Nesta, Ele está ausente.

Na delicadeza de seu coração, Nossa Senhora se perguntava se alguma coisa nela teria contrariado Jesus, magoado seu Coração... Na retidão de sua consciência imaculada, Ela se via rodeada de trevas espirituais...

Três dias, sua alma sofreu a saudade de Jesus, a dor de sua perda.

Enfim, no Templo, reencontrando seu Filho, a Riqueza de seu Coração, Ela sentiu pacificada sua alma dolorosamente ferida...

* * *

Quantas lições para nós, nesta aflição imensa de Maria!

Todos nós cumpriremos o nosso dever, ainda que em meio às nossas dores. Ainda sabendo que nossos passos na vida nos levam a um Templo de Sacrifício e de Renúncia.

Deus velará nosso caminho e, como a Maria e José, recompensará nosso heroísmo.

Aquietemos com confiança as nossas almas, nas trevas espirituais que se abaterem sobre nós.

Quantas vezes a doença nos faz perguntar, ansiosamente a nós mesmos, por que assim nos trata Deus, se é Pai e não castiga?... E nos parece não haver nenhuma resposta, como se tivéssemos também perdido a Nosso Senhor...

* * *

Procuremos sempre a Jesus. Três dias, três meses, três anos, — não importa!

Busquemos a Deus, onde Maria e José o procuraram e acharam.

Não no prazer, ou nas criaturas que nos afastam, no bulício dos ruídos que nos dissipam.

Mas no Templo, na Oração, nos Sacramentos, nos Braços de Maria!

Formemos o propósito de jamais perdê-Lo por nossa culpa.

E rezemos pelos que perdem a Deus, a fim de que retornem êles também à felicidade de ter Jesus na casa de seu afeto, no Templo de seu amor!

XIV

4.^a DOR: O ENCONTRO DA VIA SACRA

NO centro do Jardim das Dores de Maria, passamos sob um portal silencioso, engrinaldado de flôres escuras... A porta de Efraim, a quarta dor de Nossa Senhora.

De joelhos, a alma contrita, acheguemo-nos para meditar...

* * *

Por uma graça miraculosa, Maria assistiu em espírito ao desenrolar das cenas da Paixão de Jesus.

Viu-O prostrado em agonia no Horto, a se debater no oceano dos nossos crimes e pecados... Estremeceu à chegada dos judeus enfurecidos, quase não acreditando, ante o ósculo de Judas que traía, recusando a graça do ósculo de Jesus... Viu-O garroteado como um malfeitor por aqueles esbirros de rosto sinistro... Seguiu-O a caminho

daquela condenação iníqua onde O ridicularizariam, deformando Seus ensinamentos sagrados, apresentando testemunhas venais...

* * *

O espírito amantíssimo de Maria, transbordando de angústia, nem um segundo sequer se apartou de Seu Filho.

Seu Coração permaneceu junto de Jesus, manso e triste a ouvir as Sentenças de Anás e Caifás, de Herodes e de Pilatos... Suas mãos se estenderam para deter os golpes daquela bárbara flagelação, mas depois se cruzaram submissas sobre seu Coração quando Ela viu a divina aceitação de Jesus, a permitir que os soldados Lhe colocassem na augusta frente uma coroa... de espinhos...

* * *

Maria, mergulhada em dor, sentiu que chegara o instante de ir ao Seu Filho em demanda do Calvário.

Pilatos O condenara, Jesus já abraçara a Cruz... Com a doce Madalena, a Virgem andara nas ruas, no palácio e no pretório...

João a recolhera no Cenáculo. Mas agora, Ela foi ao encontro de Jesus.

E ali, onde as velas se abriam quase em praça, Maria viu Jesus...

Ia desfigurado, ofegante, coberto de poeira, de sangue, de escarros...

E Maria recebeu como um Viático Sacrossanto aquele olhar profundo e amoroso, em que Jesus colocava todo seu afeto, sua gratidão, sua dor, como derradeiro beijo ao Coração de Maria...

* * *

Oh! Virgem Santa, Mãe sublime! Bem podia Ela invocar contra nós a Justiça Divina!

Porque nós, seus outros filhos é que havíamos, por nossos pecados, destruído a beleza e a saúde e a vida daquele Primogênito adorado de seu coração...

Mas na alma de Maria só havia misericórdia e perdão.

E Ela implorou em nosso favor.

Jesus e Maria!

Os dois corações mais ternos, os mais amáveis, os mais sensíveis e delicados, triturados pela dor!

Mas eles a aceitavam, generosa e plenamente, para a nossa salvação.

Sofreram tão grande martírio em Seus corações, para resgate dos desvios do nosso pobre coração...

* * *

Por certo, não refletíamos quando nosso amor suspirava pelas flôres do mal.

Não sabíamos o que fazíamos, ao atirar a li-
rual inocência de nossa alma nas sujidades do pân-
tano.

Andava longe o pensamento da Via Sacra de
Jesus e de Maria, quando o nosso coração acei-
tava um amor errádio, traindo nosso ideal do céu,
comprometendo nossa felicidade verdadeira...

Ofertemos, em reparação, os nossos sofrimen-
tos.

Aquilo que sofremos também, vendo a aflição
e o tormento dos nossos irmãos.

Tanto obtemos de Deus quando os nossos co-
rações sacrificados se unem em ramallete de mir-
ra, que reza e aceita...

Na direção do Calvário, Maria caminhava sô-
bre o Sangue de Jesus.

Nós caminhamos sôbre o nosso sangue, que se
soma ao Sangue de Cristo.

É a dor que nos associa a Nossa Senhora e
a Jesus.

Mas, para a alegria de nossa eterna salvação !

5.^a DOR: NO ALTO DO GÓLGOTA

ENTRE as âleas do Jardim das Dores de Maria, nós A encontramos, junto a uma grande Flor vermelha... o seu Filho crucificado... Suspenso entre o céu e a terra, Jóia rubra de nosso resgate.

Tomemos o nosso crucifixo...

Esta cruz bendita aviva nossa fé, nossa esperança e nosso afeto.

É alento nas nossas enfermidades, lição sublime de virtudes, centro de nossos amores.

* * *

Maria assistiu ao desenrolar daquelas cenas pungentes, preço altíssimo da nossa salvação.

Viu Seu Filho puríssimo despojado de suas vestes, exposto aos olhares dos homens...

Que as lágrimas de arrependimento corram de nossos olhos, lavem a nossa alma... Foram as nossas audácias e despudores que o Imaculado Filho de Maria reparou, nesta dolorosa nudez a que se sujeitou por nosso amor...

* * *

O Corpo chagado e dolorido foi estendido sobre a Cruz, como uma Grande Dor sobre a medida da Justiça.

Aquele leito era duro, tão mais duro que as pobres palhas do presépio de Belém...

E Jesus ofereceu suas mãos aos algozes, no gesto abandonado com que uma criança estende à Mãe vigilante suas pequeninas mãos.

Seus olhos fitaram o céu.

Naquele leito de Cruz, indefeso e mártir, mais adorável do que nunca !

* * *

Maria iniciou em Sua alma a tocante ofensa, a mais heróica de Sua vida. Ofereceu a Deus o seu Jesus, por nós...

Dor por dor, chaga por chaga, lágrima por lágrima, que seu olhar materno ia colhendo do Corpo Divino, a grande Flor Vermelha, que a pouco e pouco se estiolava na cruz.

E assim foram batizadas tôdas as nossas cruzes: as do corpo, as do coração, as da alma.

Todos os sofrimentos de nossas mãos, dos pés, dos membros, as feridas, os givazes das intervenções cirúrgicas, as imobilidades, os sofrimentos dos olhos, da cabeça, os cansaços dos nossos leitos de dor, todavia mais macios do que a Cruz de Jesus...

* * *

A agonia foi longa. Três horas Ele esteve suspenso no madeiro, entregando ao Pai as últimas parcelas de Sua Vida por nós...

Em tórno da Cruz, levantaram-se vozes.

As palavras do Coração de Maria, sofrimento martirizante, oferta heróica, aceitação amorosa.

As nossas palavras.

Como as do Bom Ladrão.

Arrepentidas, confiantes. Que nos obtenham também as portas da Vida, logo após as trevas da morte.

Como as de João, o discípulo amado, que acompanhando Jesus, mereceu ser o herdeiro da riqueza de Maria.

E tenhamos fidelidade.

Não desertemos da Cruz e do Calvário.

Ainda que se abatessem sôbre nós as sombras de tôdas as trevas, Jesus e Maria estão ao nosso lado.

Junto de Nossa cruz.

6.^a DOR: JESUS NO REGAÇO DE MARIA

NO Jardim das Dores de Maria, a grande Flor vermelha foi colhida.

Jesus, morto, descido da Cruz, repousa no regaço de sua Mãe.

Tudo terminado.

Consumou-se o sacrifício divino...

E Maria recapitula tôdas as luzes e sombras.

A Senhora das Dores contempla longa e amorosamente Seu Filho, beija-Lhe as faces lívidas, as marcas rubras dos espinhos na fronte, e lembra...

Ah! a pungente doçura desta recordação...

Dante escreveu: "Nenhuma dor maior que recordar, no infortúnio, o tempo feliz"...

* * *

Maria revive Belém e Nazaré.

O seu pequenino, reclinado no presépio.

O adolescente gentil, no trabalho e no lar.

O Homem, filho seu, que Ela abraçou no crepúsculo da despedida.

E que partiu um dia, a dilapidar tôdas as riquezas divinas, espalhando-as perdulâriamente entre os corações dos homens... e que agora, Bem Amado Filho Pródigo, retorna à casa do Coração de sua Mãe, abandonado de todos os que Êle amou, malferido, despojado, morto...

* * *

A Senhora sofre.

De seu Primogênito, e dos outros filhos.

Dos outros, de nós, que Lhe assassinamos o Filho inocente.

Ah! o pecado!

O mal, o único mal!

O que mata sempre. Ao corpo, à saúde no tempo, à salvação na eternidade, o que tenta matar o próprio Deus, e ousou consegui-lo no alto do Calvário...

O mal terrível que arrastaria sua sinistra sombra sôbre tantos corações, arrancando-lhes a vida, e beleza espiritual, as promessas de Felicidade!

O pecado, disfarçado em orgulho e em luxúria, em ódios e avareza, em ambição e egolatrias, emissário lúgubre do inferno, a assassinar as almas, assim como se abatera sôbre aquele Jesus,

que assumira o pêso de todos os crimes humanos, num infinito amor que lhe roubara a vida!

* * *

Irmãos, com Jcsus, nós sofremos também. Também temos uma agonia de cruz.

Mas transformemos nosso leito de dores no Regaço de Maria.

É assim que vos tenho encontrado, ao levar-vos a Santa Comunhão de Páscoa. Em vossos leitos, em vossos hospitais. Numa fidelidade de aceitação, numa resignação de alto quilate cristão que vos coloca sempre no Coração da Virgem das Dores!

Assim permaneçamos sempre, até nossa última agonia.

Nos braços da Senhora que nos acolhe.

Ela nos salva!

Peçamos que os outros venham também ao seu Regaço.

Os que ainda não sabem sofrer com mérito, e murmuram sem proveito.

E que desconhecem ainda o valor e a doçura das lágrimas choradas sôbre o Coração da Virgem.

A fim de que, à imitação de Jesus, todos busquemos, contritos filhos pródigos, o desejado Lar do Regaço querido de nossa Mãe.

XVII

7.^a DOR: A SOLEDADE

ENTRADOS no recolhimento suave do Jardim das Dores de Maria, deparamos, no fim de alameda sombria, um mausoleu engrinaldado de saudades.

É o Sepulcro de Jesus.

A última dor de Maria...

* * *

Na hora grave do crepúsculo, uns poucos amigos, silenciosos e tristes, formaram o cortejo fúnebre do Senhor. Nicodemos, José de Arimatéia, João, Madalena, o centurião, talvez algum discípulo, e Maria.

No Jardim de José de Arimatéia, ante um sepulcro novo cavado na rocha, o cortejo parou.

Prestaram ao Corpo sacrossanto os derradeiros cuidados, perfumando, envolvendo em panos cs membros dilacerados, exsanguês...

Agora, apenas a face sagrada restava descoberta, e um a um os presentes se acercaram para a derradeira despedida...

* * *

O adeus de Maria foi o derradeiro. Ela tomou em suas mãos a cabeça de Jesus, chamou-O doçemente pelo nome amado, e beijou longamente o Filho estremecido...

Horas antes, Jesus recebera um outro beijo: o de Judas.

Que diversidade entre o beijo de Judas e o ósculo de Maria!

Jesus estava vivo quando Judas O beijou, e êste beijo foi causa de Sua morte. Êle estava morto quando Nossa Senhora O osculou, e êste ósculo preludiou a Sua bendita Ressurreição!

* * *

Mas Ela sofreu! Que entrecortadas saudades, que amargurada soledade!

Senhora Nossa, Mãe das Dores, ouvi-nos! Nós também, vossos pobres filhos, humildes, conhecemos os reflexos desta Vossa dor: sentimos nosso coração abandonado, triturado...

O vazio dolorido, quando nossos queridos partem, e de nós se distanciam, pela morte, pela incompreensão, pelo pecado...

Permiti, Senhora, que choremos junto a Vós, partilhemos da vossa Soledade, pois também nossa alma tem saudades de Deus!

* * *

Na soledade de Maria confluíram tôdas as soledades.

Nossa enfermidade causa segregação e isolamento. A doença nos atingiu mas a vida continua, e os sãos se ausentam para os seus trabalhos, para as suas diversões...

E ficamos sòzinhos!

Sem embargo, a Mãe da Soledade nos ensina a santificar nossas dores. A bem-querer a solidão, a sofrer os crepúsculos da alma.

Parece-nos que Jesus está longe? Nunca Êle esteve tão perto de nosso coração angustiado e dolorido...

* * *

A dor de Maria atingiu a plenitude e por isso A elevou ao ápice da santidade.

Santa e compassiva, Ela nos ensina a consolar os outros.

Ainda que envolta em sofrimento, Maria soube auferir de seu coração triturado riquezas de conforto, de dedicação, para João e os discípulos de Jesus.

Mesmo dentro em nossos sofrimentos, saibamos também florescer em amenidades suaves nossa compaixão para com os irmãos aflitos.

Recebamos em nossos corações os eflúvios suaves e celestes dêste ramallete de mirra das Dores de Maria.

Santamente impregnados da santidade de Nossa Senhora, acheguemo-nos a Ela, dizendo-lhe as nossas preces, manifestando-Lhe todo o carinho de nosso amor.

XVIII

GOZOS NAS DORES DE MARIA

HA flôres jubilosas entre as saudades roxas,
no Jardim das Dores de Nossa Senhora.

A Santa Brigida revelou a Santíssima Virgem que suas dores eram acompanhadas de torrentes de alegria.

Como? Nas trevas brilhava a luz, na noite as auroras, nos sofrimentos a alegria?

Sim. Em Maria a união perfeita com Deus era fonte sempre cristalina e renovada da mais real e profunda alegria. A vontade de Deus, seu único prazer. E entre as maiores dores a alma de Maria mergulhava na paz.

Um outro motivo, Maria sofreu por amor.

Não só a saudade é um delicioso pungir de acerbo espinho.

Também a dor, o sofrimento por amor, dila-

tam a alma a sofrer porque ama, alçando-a a singular gôzo.

* * *

Maria amava a Deus e tôdas as manifestações de Sua Vontade.

Amava a Jesus e desejava a sua glorificação.

Amava-nos a nós e queria nossa salvação e felicidade.

Por isso tôdas as saudades roxas de seu Jardim de Dores não são flôres de morte, mas jóias de alegria.

* * *

No Coração de Nossa Senhora não venceu jamais o demônio, autor da morte e da tristeza, porque Nela triunfava sempre o Senhor, soberano da Vida e fonte de todos os bens.

* * *

A espada de Simeão transmuda-se em flor de alegria, pois Maria fecha os olhos à visão dos que, para a própria ruína, desdenharão ao Senhor, e antevê o amor fervente de todos os que seguiriam Jesus, buscando-O para seu bem e ventura.

O Exílio, Ela o vê transformado em corações — santuários, generosos como belos oásis, que à semelhança de seu Imaculado Coração oferecerão abrigo ao divino Exilado.

Os Três Dias de ausência lhe lembram a fome com que procuraríamos a Jesus, no Templo e na Penitência, ansiando pelo estado de graça, felizes de apertarmos de novo Jesus ao nosso coração.

O Encontro da Via Sacra simboliza, junto ao Seu Coração, a contrição que espedaça os nossos corações, aflitos porque aumentaram o pêso da cruz de seu Primogênito, desejosos de O ajudar e participar de sua Paixão.

A Crucifixão deslumbra aos olhos de Maria os portais do Infinito, Deus de braços abertos para o perdão, a misericórdia e a glorificação de todos os redimidos.

A Deposição antecipa o gesto carinhoso de todos os pequeninos filhos de Maria a procurar Seu Regaço Imaculado, que ainda guarda as impressões sagradas do corpo de Jesus.

A Sepultura é o pórtico dos triunfos de Jesus, o prenúncio de tôdas as nossas ressurreições, a glória do Primogênito e a coroa de todos os filhos !

* * *

Aprendamos com Maria a transformar nossas dores em alegrias.

A graça de Deus, o nosso amor, a amorosa guia de Nossa Mãe Dolorosa, farão o milagre de uma feliz e cristã união entre a cruz e a alegria, as dores e a paz, as trevas do exílio e as antecipadas luzes da Pátria.

XIX

COROEMOS NOSSA SENHORA

DURANTE o mês de maio nosso olhar e nosso coração contemplam, cheios de encantamento, a Santíssima Virgem Maria.

Falar de Maria, de suas dores, de suas virtudes, é sempre salutar e suavíssima lição para nós. Assim aprendemos com Ela, os mais preciosos ensinamentos, dia a dia, em seu abençoado mês.

Ele se remata, nas igrejas, nos oratórios e capelas com a tocante cerimônia da Coroação de Nossa Senhora.

Nenhuma Rainha desta terra é coroada com tanto amor e veneração como a doce Rainha Celestial !

Nos também A queremos coroar.

Gostaremos de escolher o mais excelso diadema.

Há coroas tão belas ! As que se tecem com as bíblicas invocações dos profetas antigos, os tí-

tulos sublimes com que o próprio Céu A distinguiu, o nome singular com que nós, filhos pecadores, A adornamos, — Senhora das Dores, Rainha dos Mártires...

* * *

A prece da Salve Rainha é uma linda coroa. Rainha dos céus e da terra, Mãe de misericórdia, vida nossa, esperança segura, doçura infinita.

Nossa Libertadora, dos que vivemos degradados, entenebrecidos, suspirando por Ela, neste vale de lágrimas que Lhe suplicamos transforme em jardim de alegrias celestes...

Nossa Advogada, que desce sôbre nossa pequenez e enfermidades os seus olhos benignos, a fim de nos preparar para o eterno júbilo que nos aguarda, ao terminar o exílio, a visão e posse de Jesus, o Divino Rei, fruto bendito de seu virginal sacrário !

* * *

Duas coroas, particularmente queridas à Mãe do Céu, nós queremos ofertar :

A coroa de Fátima.

A coroa de Aparecida.

* * *

rica de amor filial, de incontido júbilo, de fervorosa piedade.

Foi uma coroa de jubiloso triunfo !

* * *

Maria é a Rainha de nossos corações que sabem amá-La.

Sempre Nossa Mãe, nós a sentimos junto de nós.

Incessantemente, dia e noite, em nossos sonos, em nossas vigílias.

Por isso, desejamos coroá-La com tôda a riqueza de nosso amor, diademado de sofrimentos.

E repetir-Lhe, amorosos e confiantes, as palavras singelas e formosas do Bispo de São Paulo que há 50 anos coroou a bemquerida Imagem da Senhora Aparecida, Dom José de Camargo Barros:

— “Como por nossas mãos sois coroada na terra, assim por Vós e vosso Filho Jesus sejamos coroados de glória e honra no Céu”.

Em Fátima a Virgem apareceu com o Coração cingido por uma coroa.

Uma guirlanda de rosas, assim como nos acostumamos a dizer e figurar em nossas telas?

Não! A coroa que cercava o coração da Virgem em Fátima, era de espinhos...

Espinhos feitos das suas dores e das nossas dores...

Agradeçamos a Maria a aceitação desta coroa: Veneremos o seu Martírio, e entreguemos-Lhe com fé, com paciência e amor, os nossos espinhos.

Por certo eles florescerão ao contato do Coração Imaculado de Maria, transformando-se em alegrias, para nossa Rainha, para nosso coração!

* * *

Há outra coroa, em Aparecida.

A terra sem par de nossa Rainha, Mãe desvelada do povo brasileiro.

Em 8 de setembro de 1904, numa festa linda, concorridíssima e profundamente piedosa, a Senhora Aparecida foi solenemente coroada, proclamada Rainha e Padroeira do Brasil.

Cincoenta anos depois, comemoramos em São Paulo no magnífico Congresso Nacional da Padroeira, em setembro de 1954, o áureo jubileu da coroação de Nossa Senhora Aparecida.

Todo o Brasil, de norte a sul, correu para aclamar a Sua Rainha, numa pomposa realização,

O MANTO DE NOSSA SENHORA

AFETUOSA visita nos faz a Senhora do Carmo. Título bonito de Maria, tão caro a Ela, e tão benéfico para os nossos corações.

Quando Nossa Mãe do céu nos apareceu, quis lembrar o título carmelita.

Em Lourdes, sua última aparição foi na festa de Nossa Senhora do Carmo, e em Fátima, na derradeira vez, Ela se mostrou nas vestes carmelitanas com que A conhecemos e amamos.

E devoção antiquíssima, cujas raízes se colocam no Antigo Testamento, na visão do Monte Carmelo.

Naquela graciosa nuvem de Elias, que subiu sôbre o mar e se desmanchou em chuvas desejadas e fertilizantes, símbolo das graças do Senhor, unercê da intercessão de Maria.

Esta mediação, Ela a quis demonstrar mais claramente quando revelou ao seu servo Simão Stock o grande prodígio de Seu Manto, o bendito Escapulário de Nossa Senhora do Carmo.

Para todos nós Maria veio dar mais esta prova de seu amor.

Para assegurar a proteção que dispensará, de maneira particular, àqueles que colocarem sôbre o coração um pedaço do Manto da Senhora do Carmo.

Ela deseja abrir sôbre todos êste Manto protetor, abrigando na magnitude de sua desvelada bondade, as nossas almas e as almas de nossos irmãos.

Em nossa terra brasileira, será difícil encontrar um recanto onde não haja uma igreja ou capela dedicada à Senhora do Carmo, ou uma igreja sem um altar dedicado ao título carmelitano de Nossa Mãe Celeste.

* * *

O Manto de Nossa Senhora do Carmo, escapulário bendito que recebemos na infância, acompanha-nos no decorrer da vida como um penhor de salvação.

Êle é escudo defensor para nosso corpo, mas sobretudo para nossa alma.

O bentinho sagrado que trazemos sôbre o coração, conjura perigos, diminui aflições, acrescenta bênçãos.

E quando para nós chegar a hora da partida, o escapulário, o Manto da Senhora do Carmo será o confortador alívio, a luminosa esperança de nossa feliz Eternidade, mais depressa conseguida mercê da maternal proteção da Virgem bendita.

* * *

Ao visitar-nos, Ela estende sôbre nós seu Manto, mais poderoso que o manto de Elias, o tau-maturgo.

Aconchegados e protegidos sob êsse abrigo celeste, desejemos permanecer nesta amorável guarida.

Nossas aflições, nossas longas esperas, nossas pacientes expectativas, serão suavizadas pelo carinho da Senhora do Carmo, que todos os bens nos vem trazer.

Ela nos alcançará a saúde, e nos dará novas forças e energias.

E quando chegar a hora de nossa Partida, nós não temeremos.

Mãe compassiva, a Senhora do Carmo prometeu levar-nos, no primeiro sábado após a nossa morte, para o céu.

Ela não deixará no purgatório as almas daqueles que, tendo praticado as virtudes e casti-

dade própria de seu estado, ao morrer conservarem sôbre o coração o pequenino pedaço de Seu Manto, o Escapulário do Carmo.

* * *

Irmãos, nossa doença é também um purgatório. A visita de Nossa Senhora do Carmo será nossa esperança.

Ela vem para nos libertar.

Levantar nosso corpo.

Alcandorar nossa alma.

Os pintores da Idade Média se compraziam em figurar Nossa Senhora revestida de um grande manto largamente estendido, abrigando a todos: reis e príncipes, pequeninos e pobrezinhos.

Roguemos a Nossa Mãe querida que estenda seu Manto sôbre nós, e seremos curados!

XXI

NOSSA MÃE PEDE POR NÓS

UMA carta que chegou, bemvinda, às nossas mãos, refere-se aos dois programas desta hora vespertina: Consagração a Nossa Senhora e Consolando os que sofrem.

E nos repete o ensejo feliz de insistirmos na união que nos comprazemos de salientar sempre: para salvação e conforto nosso, o Coração de Jesus, incessantemente unido a Nossa Senhora.

Nos pensamentos de Deus, ao criar tôdas as coisas, andavam juntos a Sabedoria Increada e Maria.

O Senhor abria as fontes, desenhava os vales, alteava as montanhas, estendia os mares.

Jesus e Maria, nos planos divinos, estavam presentes, na previsão de tôdas as coisas.

Também das fontes íntimas de nossas aflições, dos vales de nossas opressões e desânimos, das

montanhas de nossos sofrimentos, dos mares de nossas dores...

Tudo, porém, num sentido de mérito, numa perspectiva de céu!

* * *

Na realização do plano inefável da nossa salvação, Jesus se uniu a Maria, de tal sorte que então e para sempre, Os encontramos juntos, identificados.

Em Belém, uma simbiose, uma vida única.

Em Nazaré, Maria tinha Jesus sobre o coração e em todos os pensamentos.

Juntos estão na pobreza do presépio, juntos nos trabalhos quotidianos, juntos nas horas de aflição...

E na hora solene do primeiro milagre, logo no início da vida pública de Jesus, encontramos Maria.

* * *

Foi numa festa de núpcias: as Bodas de Caná. Em meio à alegria surgiu a aflição.

O vinho da festa, até então servido generosamente, veio a faltar.

As rosas iriam mostrar seus espinhos.

A feliz e risonha expansão se trocava em comentários, vergonha e oprobrios... Para os noivos, que consternação naquele dia, até então plenamente feliz!

Nossa Senhora percebeu a inquietação, presenciou a angústia e intercedeu.

As palavras de Maria antecipam a hora de Jesus.

Para atender os rogos da Mãe querida, Jesus fez o primeiro milagre, abrindo a série dos prodígios que multiplicaria depois, com bondade onipotente.

* * *

As palavras daquele pedido suave ficaram nos ouvidos divinos.

Jesus ouvia os rogos de Maria quando debruçado sobre as precisões materiais e necessidades espirituais dos que O procuravam, multiplicava o pão e anunciava o seu Evangelho.

Quando perdoava os pecados, aquietava as consciências, ou ensejava abundantes capturas de peixe, ou fazia desaparecer as enfermidades, a todos beneficiando, em casa, na rua, a pobres e ricos, curando cegueiras e paralisias, surdezes e languores, lepras e fluxos sanguíneos, a própria morte!

O delicioso éco da voz de Maria, suplicando e rogando, era o prelúdio dos milagres de Jesus...

* * *

Que também em nosso proveito, o Sagrado Coração de Jesus ouça as súplicas de Nossa Senhora.

A favor de nossa saúde do corpo, tão preciosa e desejada.

A favor de nossa saúde da alma, ainda mais preciosa e mais desejada.

E possamos receber o Mestre e seus milagres de poder e de amor, como a jóia de céu, o Rubi de seu Coração dentro do escrínio de nosso coração, em nossa Comunhão Eucarística, pelas mãos virginais de Maria.

DE MARIA PARA JESUS

O mês do Sagrado Coração de Jesus nos en-
seja novo encontro para uma afetuosa vi-
sita. Do lindo mês de maio passamos para
o mês de junho. Caminhamos de Nossa Senhora
para o Coração de Jesus.

Maria, fiel à sua divina missão, nos leva com
segurança para Deus.

Ela é, Ela será sempre o caminho imaculado
para o Senhor.

* * *

Em nossa estadia na França, visitamos na ci-
dade de Lyon uma igreja de Nossa Senhora, No-
tre Dame de Fourvière, belo Templo mariano cuja
planta foi abençoada pelo Santo Cura d'Ars.

Arquitetura singular, que por fora nas tórris
e ameias gentis, realiza a **Turris Davidica**, sim-
bolizando Maria, a fortaleza inexpugnável de Deus
e das almas que A buscam.

E por dentro, na decoração e pinturas, nos luminosos vitrais, minudencia as riquezas da *Domus Aurea*, a Casa de Ouro, onde o Senhor se compraz em habitar.

Mas terminada a nossa visita, partimos em demanda de Paray le Monial. Terra abençoada do Coração de Jesus !

De Maria fomos para Jesus.

Foi Ela o pórtico dourado sob o qual passamos reverentes para que nos fôsse dado penetrar no reino divino do Coração de Seu Filho.

* * *

Ainda hoje enlaçamos as duas devoções carísimas.

A nova festa de Nossa Senhora Rainha do Mundo, vizinhando a soleníssima comemoração de Corpus Christi, no início do mês do Sagrado Coração de Jesus.

Santa Bernadette, interrogada, no dia de sua Primeira Comunhão, sôbre qual tinha sido maior alegria, — se receber Jesus ou conversar com Nossa Senhora, respondeu: “Não sei. Estas duas coisas são inseparáveis.

Sei apenas que, em ambas as circunstâncias, experimentei uma felicidade de Paraíso”.

* * *

O Coração de Jesus, que por nove meses se ocultou no seio virginal de Maria Sua Mãe, jamais desprendeuse desta união castíssima.

Tôda a psicologia do Homem-Deus foi modelada exclusivamente por Maria. Jamais filho algum deveu tanto à sua mãe, tanto no corpo como no espírito.

E a excepcional bondade e a incansável ternura com que Deus ornara Maria, infundiram-se no Coração de Jesus.

Quando no decorrer de sua vida pública, o coração do Mestre se confrangia diante dos sofrimentos dos homens, desvelando-se com carinho e compaixão para aliviá-los, Êle reproduzia o cuidado vigilante, a ternura infinita da alma de Maria...

* * *

Tenhamos confiança, também nós, recrescida, neste mês de bênçãos.

Com a ajuda de Maria, nos achegamos ao Coração de Nosso Deus, Coração coroado de espinhos, dominado por chamas de amor.

Se Nossa Senhora das Dores nos ensinou a santificar nossos sofrimentos, o Sagrado Coração de Jesus, tocando nossas cruces, vai enriquecê-las com o ouro precioso de seus méritos infinitos.

O CORAÇÃO DE NOSSO DEUS

DESDE a nossa infância, e máxime em nossos sofrimentos, a comemoração do mês consagrado ao Sagrado Coração de Jesus vem confortando nossa alma com as mais salutares lições.

É suave, sempre, meditar sôbre o Coração de Jesus.

Porque foi êste Coração que ensejou ao Senhor amar-nos de duas maneiras.

Como Deus e como homem.

Como Deus, na imensidade, na infinitude, nas luzes e flamas tão onipotentes, que deslumbram nossa consideração e excedem qualquer imaginação nossa...

Mas como homem também, Homem-Deus.

E é sobretudo nesse aspecto humano de um

amor divino, que melhor situamos a devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

* * *

Penetremos confiantes na deliciosa intimidade dêste Coração.

Aqui florescem todos os afetos que movem também os nossos corações: as emoções palpitan-tes, os sentimentos vivos, a simpatia carinhosa, a amizade, os tesouros do amor, dedicação, ser-viçalidade, compaixão, sacrifícios, aceitação, dá-diva, ternura, bondade...

Como quis Êle sintonizar com todos os nossos afetos, para que O sentíssemos tão vizinho de nos-so coração!

Deus, Êle se aniquilou com humildade pro-funda.

“Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração”.

* * *

Em sua infância, rodeou-se de humildades e doçuras, Maria, a Gruta, os pastorinhos, os reis submissos...

Na adolescência, era tão amável e pacífico, que seus jovens amigos, ao buscá-Lo, diziam: Va-mos à Suavidade, eamus ad suavitatem.

E ao trazer-nos, como Messias, o testemunho de sua missão, suas parábolas eram plenas dessa

bondade afetuosa em que Êle moldara seu Coração.

Êle quis retratar-se no Pastor bom e solícito que foi buscar a ovelha desgarrada e enferma...

Ela se perdera, fugindo ao aprisco e aos cuidados de seu Guia, e pecara, rolando nos espinheiros, quase despenhada no abismo.

O Bom Pastor, o Coração de Jesus foi procurá-la.

Encontrou-a, debruçou-se sôbre ela, curou-lhe as chagas, tomou-a nos braços, fê-la voltar, rediviva, ao redil seguro e amigo...

* * *

Eis o retrato do Coração de nosso Deus, bondade e misericórdia que vem buscar-nos para o perdão, para a saúde, para a ventura de seu amor, no exílio e na Pátria.

E assim como a ovelha feliz, retornada ao aprisco, por certo jamais nunca se apartou de novo do Pastor solícito, assim também nós, voltados ao amor de Jesus talvez por nossas quedas e sofrimentos, nunca mais nos lancemos fora dêste Coração Divino, que nos trouxe a paz, assegurando-nos a eterna Bemaventurança.

PROMESSAS DO SAGRADO CORAÇÃO

A festa do Sagrado Coração de Jesus é uma jóia de conforto para as nossas cruces, uma aurora de amor para as nossas desesperanças.

Ela se moldura em recordações preciosas.

Em Paray le Monial, no coração da França, Jesus mostrou-se a S. Margarida Maria, preparada desde a infância, por especialíssima providência do Senhor, para ser a confidente e apóstola dos segrêdos do Coração de Jesus.

* * *

Apareceu-lhe muitas vezes.

Desvendou-lhe o Coração . Falou-lhe.

Tôdas as palavras eram para nós !

Êle se queixava. Mas de maneira tão carinhosa, que tocasse os nossos corações para que O

amássemos, e aprendêssemos a sofrer por Êle, em união com Êle, em espirito de reparação.

Suas palavras eram tão confortadoras !

Queria o nosso amor, no culto ao seu Amor, ao seu Coração.

E prometia-nos tudo, para a vida, para a morte, para a Eternidade.

Que Nêle encontraríamos refúgio seguro, inviolável asilo, certeza de felicidade. Que nos converteríamos se pecadores, e santificaríamos, se já fervorosos.

Que teríamos tôdas as graças necessárias ao nosso estado, alento divino a nos fazer apóstolos do Amor de Deus !

* * *

Mas, sobretudo, Êle fêz a Grande Promessa. Tão grande e confortadora, tão excessiva...

O próprio Jesus assim disse: No excesso de misericórdia do meu Coração, prometo a quantos piamente realizarem sua Comunhão durante nove meses seguidos, na primeira sexta-feira, que serão preservadas de eterna condenação, morrendo em penitência final, que lhes assegure a Bemaventurança !

* * *

Com que emoção ouvimos estas palavras !
É aquilo que mais ardentemente desejamos, a

segurança da Felicidade Suma, compensação abundante de todos os nossos sofrimentos e dores.

A certeza de que, entre as agonias e estremecimentos de grande dor de nossa partida, a pequenina embarcação de nossa vida estará assegurada no mais acolhedor de todos os portos, lançará suas âncoras predestinadas nas praias venturosas do Amor de Deus !

Sòmente o Coração de um Deus, infinitamente amoroso poderia mimosear-nos com a Grande Promessa !

* * *

Ah ! Como nos haveremos de mover ao desejo de realizá-la !

Buscando a Santa Comunhão, fielmente, fervorosamente, nas primeiras sexta-feiras, confortando nossa alma aflita e desamparada com as certezas dessa Promessa Maravilhosa...

* * *

E nos uniremos então, aos Serafins que um dia apareceram a Santa Margarida no pátio interior de seu convento de Paray le Monial, em escada luminosa que subia para os céus, cantando alvissareiros e festivos a deliciosa vitória do Sagrado Coração :

“O amor triunfa ! O amor rejubila ! O amor do Sagrado Coração de Jesus encanta e recompensa, em extases eternos!”

JESUS PRESENTE

O amor de Deus mais uma vez nos visita. É a presença do Sagrado Coração de Jesus, na glória de seu Paraíso e no céu da SSma. Eucaristia.

Quando gozamos saúde, nosso olhar procura o sacrário de Jesus, em linha horizontal. Doentes, porém, em nossos leitos, nossos olhos buscam ao Senhor no céu, em linha vertical.

Ele não está, porém, somente na extremidade final destas linhas.

Senão também no seu comêço, dentro em nossos corações...

Pela sagrada comunhão Ele vem visitar-nos, ficar conosco.

Quanto é bom e suave pensar na celeste troca que se estabelece entre Jesus e os corações dos doentes !

Antes iamós nós à sua Casa... agora Êle é que vem até a nossa.

Antes nós Lhe falávamos... agora Êle nos fala bem dentro na alma.

Êle se compraz em substituir o Tabernáculo de seu majestoso templo, pelo sacrário humilde de nosso coração.

* * *

A comunhão é a presença suavíssima de Jesus junto a nós, onde quer que nos encontremos.

Barberis, um inspirado pintor cristão de nosso tempo, tem a preocupação de situar Jesus em tôdas as nossas atividades humanas: junto ao homem, à espôsa e à mãe.

A divina presença de Jesus no lar, Jesus na oficina e no trabalho, Jesus viajando no trem, Jesus entre os passageiros de ônibus, Jesus com os pequenos, Jesus, sempre Jesus por tôda parte.

Mas sobretudo Jesus junto aos enfermos, inclinado sôbre os leitos de dor...

* * *

Ah! a doce presença transformando com seu Amor nossas tristezas aflitas!

Aquela projeção da Cruz de Cristo que torna mais iluminados os fulgores do Triunfo!

Êle nos ajuda e tudo transforma.

A sêde das riquezas, prazeres e honras, se transmuda em desapêgo, mortificação e humildade. O egoísmo, em amor desvelado e apostólico. As trevas da terra, em luzes de céu !

* * *

Vêde os corações em contacto com o Coração de Jesus.

Contemplai Maria, que de sua indissolúvel união com o Filho divino alcançou fazer de suas cruces, luzes, de seus espinhos, carinhos, de suas dores, amor !

Vêde os santos.

Aquele simpático e querido Santo Antônio de Pádua.

O amor de Deus fê-lo despojar-se de suas fidalguias e riquezas, trocando suas dignidades e nobrezas pela humildade áspera de um burel franciscano.

E de tal sorte cresceu no amor, em seu coração, em sua vida, em seu apostolado incessante, que mereceu a inefável recompensa da visão de Nossa Senhora e o delicioso prêmio da presença do Menino Jesus em seus braços enlevados !

* * *

Também nós poderemos nos transformar ao contacto com o Coração de Jesus, que vem aos nossos corações.

Chamemo-Lo freqüentemente, em fervorosas comunhões espirituais, guardando em nossa alma o precioso dom desta visita celeste.

Assim, na hora feliz de partir para a Eternidade poderemos exclamar como Santo Antônio em seu último suspiro: "Eu vejo Nosso Senhor!"

SEMPRE O AMOR DE DEUS

JÓIA entre os documentos pontifícios, é a Carta Encíclica que o Santo Padre Pio XII escreveu sobre o Sagrado Coração de Jesus.

Fundamenta-se no texto de Isaías: **Haurietis aquas in gaudio**, — As águas de nossa salvação, vamos haurí-las nas fontes do Salvador, no Coração de Jesus, com tóda a alegria, em gáudio celeste !

Ainda em nossas dores e sofrimentos, é o amor que nos consola e alevanta, e sobretudo o amor de Deus, a fonte de nossa paz e alegria.

É preciso que êsse júbilo se exteriorize, nas nossas manifestações de amor ao Sagrado Coração de Jesus.

Em verdadeiro sentido, buscado à Teologia, à Sagrada Escritura à Tradição, e à Ascética.

Para conforto e consôlo nosso, a festa do S. Coração de Jesus é a exuberante manifestação do amor de Deus.

Sempre.

Desde o Antigo Testamento, que não era somente Lei de Temor.

Tudo é obra de amor e o próprio Deus quer ser amado não somente com os lábios, mas também com o coração, pedindo êsse "amor ao Senhor teu Deus com todo o teu coração".

Um cântico de amor perpassa nas expansões dos profetas e no lirismo dos salmos.

Oseias e Isaías, Davi e Jeremias.

Deus é o Pai que ama desveladamente a Israel seu filho.

Ê o Espôso que quer exclusivamente para si o coração da Espôsa.

Êle reveste mesmo o amor de mãe.

Maior ainda: "Mesmo se uma mãe se esquecesse do filho de suas entranhas, eu jamais vos abandonarei".

* * *

O Novo Testamento é uma epopéia transbordante do amor de Deus.

A Encarnação, em tanta humildade e pobreza; os trabalhos de Jesus, no escondido silêncio; os milagres sôbre os doentes e aflitos; suas palavras de afetuosa misericórdia; sua Paixão lancinante e a Morte em desolação e ignominia; a Eucaris-

tia, presença e alimento de amor; Maria, dádiva — legado de seu Coração terníssimo...

* * *

São outros tantos pontos de suave meditação, que nos alicerça cada vez mais no amor e na confiança.

Não importa que a natureza não compreenda a cruz, e abomine o sofrimento.

Soframos a natureza, mas façamos triunfar a Graça.

Ela nos ilumina e persuade, aquieta e alevanta a alma, ao refletirmos em cada uma das provas de amor de nosso Deus.

E experimentaremos a alegria de buscar as águas de nossa salvação, as esperanças de nossa cura, e a certeza de nosso Paraíso, nas fontes vivas do Coração de Jesus.

* * *

Vivamos, irmãos, a realidade dêste divino afeto.

É sempre o Coração de Jesus que assim nos visita, ainda hoje nos Sacramentos da Santa Igreja e nas bênçãos que recebemos com fé.

Para a saúde de nosso corpo, para o bem de nossa alma.

Vamos, fervorosos, em Nossa Comunhão, ao amoroso Coração de nosso Deus !

XXVII

JESUS E NOSSO AMOR

O pensamento do Amor de Nosso Deus abre flôres de alegria em nossa estrada escura.

E para maior segurança de nossa crença, a devoção ao Amor, ao Coração de Jesus, não é um mero sentimentalismo que suavemente desabrochasse em nosso coração.

Mas assenta sólidas bases na Teologia, transformando-se em fôrça varonil para as nossas esperanças.

* * *

Ao cultuarmos o S. Coração de Jesus nós o consideramos sob o duplo aspecto de sua Pessoa : como Deus e como homem.

Daí decorre que seu Coração divino se nos apresenta rico de amor espiritual e divino, mas também sensível e humano.

É esta fusão celeste que sobremaneira encanta e arrebatava os nossos corações.

Ah! como conforta nossa alma saber que Jesus foi sensível aos sentimentos, às alegrias, aos sofrimentos que replemam os nossos corações pequeninos!

Ao adorarmos Jesus, recordamos que sua Humanidade está unida, de maneira substancial e pessoal, à sua Divindade.

E pois todo o culto de adoração a Deus se espalha pela Humanidade do Salvador, seu Coração e seu Amor.

Ao amarmos Jesus, dirigimos nosso afeto ao Filho de Deus, que nos amou desde toda a Eternidade com os eternos pensamentos de sua Essência Imortal. Mas também ao Filho de Maria que aceitou ter um Coração humano para sintonizar melhor com as pulsações de nosso afeto.

* * *

Ora, é preciso que saibamos retribuir.

Amor por amor.

Desejar Jesus, receber Jesus.

Pedir aos que velam junto a nossos leitos, que nos tragam Jesus, na Comunhão Eucarística.

Nossa fervorosa Ação de Graças retribuirá o Amor de Jesus.

* * *

Nunca me esqueci de uma visita que fiz, anos passados, a um hospital de hansenianos.

Era Páscoa.

Depois da Santa Missa, na Capela do Sanatório, saímos para levar a S. Comunhão também aos acamados, nos pavilhões dos mais seriamente enfermos.

Cheguei-me a uma doente que se soergueu a custo, para comungar.

Quando me aproximei, ela tentou juntar as mãos que já não tinha, abrir os olhos que já perdera, estender a língua nos lábios dolorosamente já desaparecidos...

Mas com tal expressão de piedade se recolheu depois, para a Ação de Graças, que, edificado, eu me detive um momento, a pensar comovido: — Que linda alma, num corpo tão arruinado!

* * *

Também nós, irmãos, podemos levar a Jesus tôda a beleza de nossa alma, no desejo santo de O recebermos e abraçarmos, na nossa Comunhão.

Graças infinitas êle nos vem trazer, — a saúde do corpo, a saúde da alma.

E a seu imenso Amor, nós oferecemos em troca todo o afeto de nosso coração.

XXVIII

AMOR POR AMOR

QUANDO erguemos nossos olhares à Imagem querida do Coração de Jesus, colocada na parede de nosso quarto, no altar de nossa capela, ou na cela de nosso coração, contemplamos êste Coração coroado de espinhos, encimado por uma cruz, envolto em chamas, labaredas de amor.

Cristãos menos avisados julgam a devoção do Coração de Jesus uma linda flôr de sentimentalismo.

Não, esta devoção é forte, santa e santificadora, porque nos ensina a sofrer...

Leva-nos a imitar a dedicação até o sacrifício, assim como o fêz o Coração amoroso de Jesus.

* * *

Inda mais: faz-nos aceitar a coroa de espinhos em nossa frente e colocar com amor a cruz em nossos ombros...

Nascida da chaga aberta no Coração de Jesus, aprisionado e martirizado em sua Cruz, aviva em nosso coração labaredas de amor, para recebermos santamente a cruz e as dores, que Deus coloca em nossa vida, para nossa santificação.

Excitemos nossa fé, nossa piedade.

Saibamos retribuir o amor de Jesus que sofreu por nós.

* * *

Um dia, em Roma, visitamos as catacumbas de São Calisto.

Descíamos, em respeitoso silêncio, através dos corredores escuros, trazendo velas acesas nas mãos.

Lado a lado, nos lóculos funerários, as sepulturas dos cristãos-mártires...

Depois de vencer inúmeras galerias entrecruzadas, sombrias, chegamos à capela pontifical. Pequena, tosca, apertada, lembrando, quem sabe, o pequeno quarto onde sofremos, a cela humilde onde rezamos.

Ali, outrora, celebrava-se a Santa Missa.

A imolação de um Deus, o tesouro do Coração de Jesus!

Ah! Eram diferentes aqueles primeiros cristãos!

Heróicos, almas de mártires, eles assistiram à efusão mística do Sangue de Jesus sobre o altar, sabendo que, talvez naquele mesmo dia, seriam

chamados a retribuir o Amor de Deus com a efusão de seu próprio sangue, nos suplícios que os aguardavam...

Generosos, não se recusavam, e não fugiam.

* * *

Irmão. É preciso que sejamos dignos daqueles primeiros fiéis que nada negavam a Deus, ofertando ainda mesmo o sangue generoso em meio a dores e suplícios cruciantes!

Ofereçamos ao Coração de Jesus os nossos pequeninos martírios, as nossas dores, a angustiada expectativa das intervenções cirurgicas, os desfalecimentos, os desânimos, os agoniados isolamentos, o desamparo de nossa alma...

Transformemos nosso quarto, nosso leito de hospital, numa luminosa capela, rica da fé dos mártires, perfumada com o incenso da quotidiana aceitação confiante da nossa cruz.

Dentro em breve virá a nossa libertação...

E então com que amor, com que júbilo alvissareiro nós entoaremos nosso hino de ação de graças!

UMA FONTE DE CURATIVAS VIRTUDES

LÊ-SE nas páginas da Sagrada Escritura a história de Naaman, general da Síria, que fôra atingido pela lepra.

Como seu rei tivesse ouvido falar do povo de Israel, e dos prodígios que lá se operavam, mandou-o, com cartas credenciais, ao soberano israelita, para que o curasse.

— Ora, lamentou contrariado o rei de Israel, eu não sou Deus, capaz de sarar uma tal enfermidade...

E Naaman retornou decepcionado.

Esperava-o, contudo, a Providência singular do Senhor, na pessoa de Eliseu, profeta de Jeová, que realizava admiráveis portentos.

— Que Naaman se lave no rio Jordão sete vezes, mandou dizer o homem de Deus.

O general se enfureceu :

— Acaso não eram muito melhores o Abana e o Farfar, o Tigre e o Eufrates, e todos os rios da Assíria, do que o Rio Jordão?

— Sem embargo, ponderaram-lhe, o profeta pediu-te uma coisa tão fácil! Se exigisse um sacrifício muito penoso...

E insistiram com êle, para que obedecesse.

Êle resolveu-se.

Lavou-se no rio sagrado.

E curou-se. Sua pele, estigmatizada pelos lepromas dolorosos, rejuvenesceu e se tornou macia e limpa, como a de uma criança...

* * *

Há um simbolismo belo e profundo nesta história.

O rio Jordão guardava uma promessa linda, a do contacto com Jesus.

Um dia o Senhor haveria de entrar nas águas do Jordão, e ali receberia o batismo das mãos de João.

Daquele contacto futuro provinha a graça curativa do rio sagrado.

* * *

Irmãos, busquemos para tôdas as nossas enfermidades, do corpo e da alma, a fonte purpúrea que emana do Coração de Jesus.

Lavemo-nos nesse rio sacrossanto, taumaturgo, sacramental.

As doenças de nossa alma, à semelhança das enfermidades do corpo, diminuem nossa vitalidade.

Paralizam as nossas ações.

Insensibilizam nossa consciência.

Afastam-nos da companhia dos Anjos.

Produzem feridas de amor próprio, chagas de revolta e orgulho, sânie de desesperos extremos...

Como somos doentes !

Todos, na essência mesma de nossa vida, no cerne de nossa alma.

Tenhamos, pois, a humildade de chegar a Jesus.

* * *

Cheguemo-nos ao rio de tôdas as purificações, lavemo-nos no sangue do Coração de Jesus.

Por certo que esta ablução sagrada nos libertará de nossas chagas.

Nosso coração será revestido da pureza branca dos pequeninos.

* * *

Levemos a Jesus todos os nossos desejos, tôdas as nossas esperanças para que Êle nos cure no corpo e na alma, no contacto eucarístico à Fonte de tôdas as virtudes.

Êle não nos pede coisas difíceis.

Quer que cheguemos, até o rio de amor que jorra de seu Coração aberto, no banho salutar da Penitência, na água límpida e purificadora da Sagrada Comunhão.

Num amoroso contacto, não apenas com o rio que guardava a Promessa mas com êle mesmo, sua Carne e seu Sangue, alimento nosso e seguro remédio.

CORAÇÃO AGONIZANTE DE JESUS

UMA invocação querida à nossa alma lucila como uma esperança, no leito de nossas enfermidades: — Coração Agonizante de Jesus, tende piedade de nós!

Modêlo sublime, o Coração de Jesus é límpido espelho para as nossas almas doloridas.

Sobretudo no Coração, Jesus sofreu tôda a sua vida, máxime nas horas da Paixão.

Por isso é-nos guia perfeito e confôrto, por quanto foi para nós que Jesus aceitou tôdas as agonias.

* * *

No Jardim das Oliveiras, Êle sentiu a agonia do coração: a visão profética de nossas misérias tôdas, da aparente repulsa do Pai, da ingratição e esquecimento que retribuiriã sua Dádiva, —

ocasionaram para Jesus o suor de sangue e Seu Coração se dilacerou de dor.

* * *

A traição de Judas foi a agonia da amizade. Jesus, carinhoso e nobre, amava com dileção aquele apóstolo infiel: por isso seu Coração experimentou agudíssima dor, vendo-o aproximar-se para entregá-Lo aos inimigos: o sinal combinado fôra um beijo!

Sublime demonstração de afeto, que nos lábios fementidos de Judas, tornou-se prenúncio de ruína e de morte.

E tudo Jesus sofreu...

* * *

Na prisão, Jesus sofreu a agonia do isolamento, do abandono.

Era noite.

Ele foi atirado a um canto de escura enxovia, no palácio de Anás.

Enquanto aguardava o momento de comparecer ante os que O iriam julgar, que abandono, que profundo e doloroso isolamento...

Jesus quis sofrer esta agonia do abandono, para batizar em seu Amor os nossos sofrimentos, nossas horas de solitária angústia, de isolada solidão...

* * *

Diante dos Pontífices, Jesus sofreu a agonia da ingratidão.

Ele viera para salvação de todos, mas "os seus" eram aqueles a quem amava com predileção, ensinara e curara entre prodígios e milagres.

E os seus não O receberam!

Renegaram suas lições, seus milagres, seu Amor!

Os seus O condenaram.

Os Sumos Sacerdotes, representantes legais do povo escolhido, levantaram-se contra Jesus, declarando-O réu de crimes que só a morte redimiria...

Ele viera para levar os seus ao Céu, e estes em paga O arrastaram à morte.

Que negra ingratidão, que dor para o Coração de Jesus!

* * *

Jesus sofreu cruel agonia ante a desordem e a impureza.

Levaram-no ao palácio de Herodes.

Embora aquelas paredes fôsem mármore e ouro, um antro de perdição e despudor era o palácio libertino, lugar de trevas e pecados onde Jesus foi arrastado, com a mais cruel agonia para seu Coração...

* * *

Jesus sofreu singular agonia ante o orgulho de Pilatos.

Embora tivesse desejo de conhecer a verdade, o romano era por demais ambicioso e apegado ao chão, tendo em mira os mais altos postos; não teria coragem de abdicar humildemente de sua ambição e vaidade, descer de seu orgulho, para reconhecer em público o erro da condenação de Jesus.

* * *

Foi depois a agonia da Via Dolorosa, cujos passos eram sucessivos espinhos, desde a condenação, a cruz e os opróbrios, a crueldade e as zombarias, a estrada ignominia daquela estrada de dores...

Enfim, a Agonia da Cruz, Agonia imensa, te-rebrante, desamparada, no Patíbulo, até o último brado, até a lançada de Longino...

* * *

Sigamos com amor este roteiro de santificação.

Cada uma das nossas dores e agonias, foi santificada e divinizada pelo Coração Agonizante de Jesus, que, primeiro e muito mais do que nós, aceitou a angústia e a crucifixão de seu Coração, para que em nossa pequenina cruz, aprendêssemos a ofertar-Lhe todo o amor do nosso coração.

A IGREJA ENCARCERADA EM DORES

OS sofrimentos de Nosso Senhor constituem preciosa herança para sua Igreja e seus santos.

Desde o princípio.

Aquele que recebeu a investidura direta de Jesus, Pedro, o primeiro Papa, herdou largamente o sofrimento e o cárcere.

O ímpio Herodes, para agradar aos judeus, encerrou a Pedro numa prisão em Jerusalém.

O apóstolo estava cercado de grades de ferro, e uma dupla cadeia prendia seus membros.

Passada a festa de Páscoa, pensava o rei em eliminar a Pedro, assim grangeando melhor o favor da plebe, a estima dos judeus.

Ora, Deus vigiava pelo seu Papa, e a Igreja tôda rezava por êle.

E eis que numa noite em que S. Pedro, vencido pelo cansaço de longas horas de angústia e sofrimento, dormia no chão de seu cárcere, um anjo veio do céu e o despertou: — Levanta-te. Vim a teu socorro, ergue-te depressa.

O apóstolo estremunhado levantou-se, atravessou sem obstáculo a primeira custódia e a segunda, acompanhado pelo anjo.

Chegados à porta que dava acesso à rua, ela se abriu sòzinha...

O prisioneiro reconheceu então que a mão de Deus estivera com êle para lhe valer, naquela presença angélica que o libertara.

Pedro voltou para o apostolado, retomou a direção da Igreja nascente.

Mas à semelhança de Jesus, êle sofreu perseguições e opróbrios, e terminou sua vida no martírio da cruz.

* * *

Assim como S. Pedro, todos os Papas conheceram o crisól do sofrimento, participando intensamente de tôdas as lutas e dores da Igreja.

No pontificado de Pio XII, anos atrás feriu-se uma luta de vida ou de morte entre o Comunismo, que organizadíssimo ameaçava apoderar-se da Itália, e a Democracia cristã.

Formara-se generoso grupo de jovens que, à Oração de penitência, uniam seus nobres esforços varonis.

Uma noite, o Papa os chamou.

Êles se achavam reunidos para rezar, preocupados e aflitos, a sua "Hora de Getsemani".

Pio XII quis que a rezassem com êle, na sua Capela íntima, testemunha de tantas preces e lágrimas silenciosas. E abrindo-lhes o coração: "O Papa está sempre no Getsemani!"

* * *

Irmãos, vós que sofreis na prisão de vossas dores, nas algemas de vossas angústias, ofereci pelo Santo Padre os tesouros vossos.

Rogai a Deus que O conserve e o vivifique, e o faça feliz na terra e que dêle se afastem as mãos dos seus inimigos.

Todos sofreremos. O sofrimento é a cruz que se levanta dentro de nosso coração para transformar-se em luz.

Ofereçamos nosso Jardim das Oliveiras por aquele que é o guia da Santa Igreja.

Nossas mãos nas mãos de Maria, nossa Mãe, vamos dizer as nossas preces, oferecendo-as para alívio e conforto do Santo Padre.

O PRECIOSO SANGUE DE JESUS

AS ondas do Precioso Sangue nos envolvem, nas comemorações do mês de Julho. Conhecemos os Bancos de Sangue desta terra.

Êles reservam o plasma necessário aos nossos desfalecimentos.

O sangue doado pelos nossos irmãos vem salvar nossas vidas, aumentar nossas energias, dando-nos alento novo para prosseguirmos nosso caminho.

Há também, num plano místico, um Banco de Sangue divino, que nos comunica vitalidade sobrenatural.

Nosso Senhor na Cruz e na Eucaristia deu-nos todo seu Sangue precioso, para que em nossas veias haja algo mais que a nossa mesquinha vida humana.

Para que tenhamos em nossa alma o fluxo da própria vida divina !

* * *

Jesus foi o Doador generoso e máximo.
Seu Sangue vem reparar e refazer.
Substituir o nosso, em vitalidade divina.

Quantas vêzes as pequeninas células de nossa alma se atrofiam, esmaecendo nelas o vigor da vida verdadeira...

Imensamente melhor do que os plasmas da terra, o Sangue Precioso de Jesus recupera divinamente nossas fraquezas e as substitui por uma vida nova rica de celestes energias.

Como que muda nossa natureza acobardada e frágil, transforma nossa psicologia, colocando Deus como um divino enxerto em nossa vida.

O Sangue de Jesus nos empurpura de riqueza perante o Pai !

Quanto nos tarda que o Sangue Divino, venha nutrir-nos e transformar-nos, apagar nossas iras, nossas impaciências, substituindo-as pela suave psicologia da mansidão e da doçura...

* * *

Irmãos, contemplemos Nossa Senhora.
Ela foi a fonte puríssima do Precioso Sangue.

O Virginal Banco de Plasma divino, onde poderemos buscá-Lo com largueza e com amor.

Porque Maria deseja nossa afinidade plena com o seu Jesus.

Na mesma psicologia celeste, de finura, bondade e afeto carinhoso, que Ela transmitiu a Jesus, quando Lhe deu do seu Imaculado Sangue.

E Maria, a Doadora Excelsa do Precioso Sangue nos quer semelhantes a Jesus.

Ofereçamos, pois, as veias de nossas almas a Maria, Celeste Enfermeira nossa.

Que Ela venha infundir-nos essa vitalidade divina, levantando nossas fôrças de alma, dando-nos revigorado alento espiritual em nossas enfermidades e sofrimentos.

Precioso Sangue de Jesus, Esperança nossa, Redenção e Saúde, Alimento e Riqueza !

UMA GOTA DE ÁGUA NO OCEANO DO
PRECIOSO SANGUE

PÁGINAS lindas do Pe. Faber sôbre o Precioso Sangue nos apresentam esta realidade maravilhosa e divina como um oceano que envolve a Terra.

Depois da Paixão e da Eucaristia, o Pai vê o mundo revestido do manto purpúreo do Sangue de Jesus.

Todos os Altares e tôdas as Eucaristias, as procissões litúrgicas e os cortejos de Corpus Christi são uma como imensa nuvem rubra a rodear a terra e as almas, defendendo-as contra os raios da Justiça Divina, aplacada assim no merecido castigo sôbre os homens.

Uma manhã, em avião sôbre o oceano, tive oportunidade de relembrar estas páginas formosas.

Despegamo-nos das águas, o aparelho em curvas largas foi ganhando altura.

Venciámos nuvens grandes, paradas, acima estava o sol.

E por uma clareira que a luz abria na névoa, os fulgores se projetaram no mar, fazendo-o um manto rubro, cintilante, imensurável...

Um Oceano do Precioso Sangue!

Que felicidade a nossa, ao aportarmos às margens da Eternidade, e deslumbrados podermos exclamar:

Salvos!

Salvos pelo Precioso Sangue de Jesus!

* * *

Mas é obrigação nossa colocar uma gota de água no Oceano do Precioso Sangue.

Participar do Sacrifício de Jesus, completar em nós a sua Paixão, unir-se à sua imolação no Altar.

Sôbre o Altar onde se realiza o Sacrifício Eucarístico, quer a Igreja que haja sempre uma "pedra d'ara", em cujo coração repousam relíquias de mártires.

Para que aprendamos, os que assistimos à Santa Missa, que havemos todos de sintonizar com a imolação de Jesus, em espírito de sacrifício, com almas de mártires.

* * *

E na hora da preparação das Oblatas, o sacerdote junta à porção do vinho que vai ser consagrado, uma gota de água.

Lindo simbolismo !

No mar imenso do Sangue de Jesus, a nossa gota pequenina.

Nossa vida e nossas dores, os sofrimentos e as cruces, as desolações árduas e as longas paciências, os dias de espera e as noites indormidas...

É a nossa gota de água no Oceano Divino.

* * *

Oxalá seja ela sempre pura como uma gota de orvalho, generosa como as fontes, límpida como um cristal.

Nossa enfermidade é somada à Paixão de Jesus Cristo.

Nós participamos da Redenção do mundo !

Nosso Senhor precisa de nossa humilde gota de água.

Nossa aceitação resignada e nossa oferta, fazem crescer o Oceano do Precioso Sangue.

* * *

Voltemo-nos para Maria, nossa Mãe.

Aquela que ofertou o orvalho lindo de sua Imaculada Conceição.

Espelhemo-nos n'Ela para que Ela nos ajude, a fim de que a nossa pequenina gota de água não seja roubada nunca ao sacrificio eucarístico do Precioso Sangue de Jesus.

SANGUE PARA A PÁTRIA

DATAS gloriosas de nossa Pátria terrena, en-
guirlandadas de honras e triunfos, são tam-
bém recordações de penosos sofrimentos.

As conquistas se escrevem com sangue.

Sob as coroas de louros, há espinhos que pun-
gem.

As alegrias foram compradas com dores aus-
teras.

Dentro das comemorações festivas, há som-
bras de ausências e tarjas de luto.

Tudo em nossa vida é um ramalhete de ale-
grias e dores.

Em que nosso sangue se mistura ao Sangue
de Cristo.

* * *

A Pátria da terra às vezes pede nosso sangue.
Nossa Pátria do céu, também.

O torrão natal vem buscar nossos esforços, para que possa continuar, e seja honrada, e se adiante em ambiente de dignidade e liberdade.

A Pátria celeste pede nosso sangue para que se afirme e permaneça em nós, amplie-se em nossas esperanças, e no coração dos nossos irmãos.

É grande a honra dos que são chamados para defender, com seu sangue, a Pátria de seus irmãos.

É excelsa dignidade a dos que, mercê do sofrimento e da cruz, são escolhidos para assegurar a Pátria do céu a seus próximos.

* * *

Irmãos que sofreis, vêde o amor e simpatia que mereceis, da parte dos que beneficiais com o vosso sofrimento.

Vós assegurais a Pátria Celeste a vossos irmãos, pelo combate de vossas dores, feridas, sangue e lágrimas...

Tôda Pátria honra seus soldados.

E tôda a Igreja agradece a seus filhos que sofrem.

Os combatentes defendem a Pátria da terra.
Os enfermos asseguram a Pátria do céu !

* * *

Os militantes da terra, muitas vezes antes de seus combates, e no fragor das lutas, levantam

seus olhares de confiança invocando a proteção de Maria Santíssima.

Tenho em meu poder uma pequena imagem da Senhora da Conceição, que veio das sangrentas batalhas brasileiras do Paraguai...

Também nos combates de nossas provações aflitas, busquemos o olhar e a bênção de Nossa Mãe celeste.

E digamos, corajosamente, à Virgem das Dores, que aceitamos a nossa cruz, e os nossos sofrimentos, pela continuidade, pela vivência da Pátria do céu nas nossas almas, e nas almas de todos os nossos irmãos.

ROTEIRO DO PRECIOSO SANGUE

NAS horas longas das nossas meditações solitárias, recordemos o roteiro do Sangue Precioso que nos salvou.

Jesus o quis buscar à fonte Imaculada de Maria, para dá-lo a todos nós.

E desde que em sua natureza perfeita êle o recebeu, entregou-o totalmente, numa efusão plena por nossa salvação.

* * *

No oitavo dia de sua vida, como que impaciente de provar seu amor, Jesus sofreu que as primeiras gotas de seu sangue corressem por nós na Circuncisão.

Era a cerimônia ritual que consagrava a Jeová a virilidade dos pequeninos recém-nascidos, em ritual de sangue.

O sangue de Jesus foi depois suor e lágrimas, longamente, pacientemente, através da vida, em suas peregrinações, exílios e trabalhos por nosso amor.

* * *

Na Paixão, o roteiro de sangue se abriu em largas generosidades.

Primeiro no Horto da Agonia, onde pontilhou minucioso por todo o corpo de Jesus.

Agonia de sangue, que teve seguimento na flagelação, terrível suplício que recobriu de flôres purpúreas o Mártir Divino...

O desejo imenso de Nosso Senhor de nos dar todos os rubis de seu Sangue, colocou em sua fronte angusta a coroa de espinhos para que o sangue viesse enguirlandar a sua cabeça...

Que foi a Via — Sacra ?

O poema de nossa salvação escrito em sangue...

No Calvário, quando O despiram, as vestes arancadas sem piedade fizeram de novo brotar o sangue, em todo Seu sagrado corpo, em copiosa efusão que O transformou num escrínio de jóias rubras, purpúreo preço de nossa salvação...

E foi assim que Êle morreu...

* * *

Não satisfeito, Jesus quis dar-nos perenemente o Precioso Sangue no cálice de sua Eucaristia.

Sôbre o altar é ainda aquele mesmo Sangue oferecido por nós, de maneira incruenta mas real.

Jesus continua assim dando-nos a salvação, intercedendo por nós ao Pai, na imolação de seu Precioso Sangue.

* * *

Irmãos, coloquemos neste roteiro do Sangue de Jesus, o roteiro de nossa vida.

Nosso sangue, Êle o veio buscar quem sabe desde nossa infância.

Êle no-lo pede nas intervenções, nas perdas, nas chagas... agora... e quem sabe, até quando?

Confiemos. Nosso sangue é assim valorizado pela união com o Sangue Redentor.

Êle nos alcança a restauração de nossa alma, como também a recuperação de nosso corpo, em saúde e bem estar.

* * *

Maria, Nossa Mãe, acompanhou amorosa o roteiro do Sangue Precioso de Jesus.

Desde o momento em que êle brotou de Seu sangue virginal e imaculado, até a última gota, alanceada no Calvário...

A Senhora das dores, acompanhou êste caminho não só com seus olhos compassivos mas so-

bretudo com sua pia aceitação, com seus desejos e preces, ofertando a Deus o Precioso Sangue para nossa salvação.

E nós ofertaremos pelas mãos de Maria êste Sangue Precioso por nós, pelos nossos irmãos.

Coloquemos nossas mãos no regaço de Maria, para que as nossas preces melhor alcancem o Céu e subam até o Coração de Cristo.

O SANGUE NO JARDIM

UM dos aspectos mais pungentes do sofrimento de Nosso Senhor é o Jardim das Oliveiras, — o suor de sangue na agonia de Jesus.

Ainda hoje existe o Jardim, e ali se vêem as oliveiras frondosas e veneráveis, testemunhas talvez da agonia do Senhor...

O Horto das Oliveiras chama-se Getsêmani, quer dizer lagar, onde as olivas são trituradas, apisoadas para delas se extrair o óleo, — símbolo vivo de Jesus, que em sua Paixão seria triturado para nos dar Seu Sangue, preço de nossa redenção.

* * *

Numa tarde abençoada e memorável, visitamos êsse lugar sagrado.

Depois de percorrer o Jardim, pontilhado de florinhas amáveis e ensombrado pelas anosas testemunhas do Sofrimento de Jesus, entramos na Basílica da Agonia, construída sôbre a Pedra que recebeu as lágrimas de Sangue do Agonizante Divino.

Uma cercadura de ferro, entrelaçando espinhos, rodeia a Pedra Sagrada, descoberta, para nossas venerações e ósculos.

Era uma tarde de quinta-feira, e ali fizemos uma emocionada Hora Santa, em união com a Vigília Angustiada do Salvador.

Relembrando a tristeza mortal que invadiu a alma de Jesus...

Tristeza ao se ver abandonado até dos discípulos mais fiéis...

Tristeza ante o oceano de misérias e pecados que iria invadir, odiosa maré lutulenta, seu Coração martirizado...

Tristeza pelo aparente afastamento do Pai celeste..

* * *

E ao celebrar, depois, a Santa Missa, recordávamos, trêmulos, que no Cálice da Oblação levantávamos o mesmo Sangue da Agonia que transudara da fronte augusta de Jesus, naquela noite pressaga, em que teriam chorado as próprias estrelas do céu...

* * *

Irmãos, nossa vida conhece também o Jardim das Oliveiras.

A nosso coração também apisoam tristezas, tédio, pavor.

Tristeza porque perdemos a saúde, e a doença talvez nos afaste do convívio de nossos caros, de atividades acostumadas e queridas...

Tédio, porque nossa vida parece tão vazia, sem sentido...

Mêdo da cruz, da agonia, da passagem na hora extrema...

* * *

Sem embargo, Jesus quis sofrer todos êsses tormentos antes de nós, para batizar em seu Sangue as nossas agonias.

Homem-Deus unido ao Pai, todavia experimentou em seu Coração humano tôdas as nossas dores.

Tristeza por se ver desamparado ainda pelos corações mais amados...

Tédio por ver tão desaproveitada a Sua Paixão...

Medo da cruz, do cálice que teria de levar aos lábios, até esgotar a amarga lia...

* * *

Contendamos unir nossos sofrimentos e agonias ao doloroso passo de Jesus no Getsêmani,

recebendo sôbre nossas lágrimas a aspersão do Sangue Agoniado.

Ofertemo-lo pelas mãos de Maria.

Ela foi para Jesus um remanso tão diverso daquele sombrio Horto das Oliveiras...

Maria foi um Jardim de Lírios onde Nosso Senhor se repousava com tranqüilo amor, onde conheceu tantas exultações e alegrias!

* * *

No nosso Jardim das Oliveiras, Ela será o anjo luminoso e abençoado que virá nos aliviar e curar.

Repousemos nossa cabeça cansada sôbre seu Coração materno.

No seu Regaço, façamos pulsar o nosso coração angustiado e sofredor.

E nosss tristezas, tédios e pavores se hão de santificar e transformar, unidos à Agonia do Senhor, para a Redenção do mundo.

O SANGUE NOS OPRÓBRIOS E FLAGELOS

COMENTA o Pe. Faber que na história do Precioso Sangue há um capítulo de excessiva prodigalidade.

É a flagelação do Senhor.

Faz-nos bem, e eleva-nos, meditar êstes mistérios dolorosos e sangrentos de Jesus.

Porque nosso pensamento é uma comunhão.

Se nos detemos nas coisas mundanas e vis, no espírito do mundo, em nós mesmos, sentimo-nos apequenados e mesquinhos.

Não nos podemos enriquecer com as nossas pobrezaas.

Mas quando alçamos nossa mente e coração a Deus e às coisas santas, vemo-nos elevados a uma profunda tranquilidade e inalterável paz.

Porque é como se tivéssemos comungado Jesus.

* * *

Eis porque, ainda em nossas dores mais cruéis é um verdadeiro tesouro o pensamento de Deus,

a meditação das dores de Jesus, o amoroso colóquio com o seu Sangue Precioso.

Jesus se deu, com inefável excesso, quando sofreu a desumana flagelação, no Pretório de Pilatos.

Vamos encontrá-LO atado a uma coluna, a que Ele se achegou com amor, para aceitar aquele mistério de opróbrio e prodigalidade divina.

O opróbrio de sua desnudez !

Que custosa reparação, que expiação infinita Jesus ofertou nesta hora pelos nossos pecados, luxúrias, libertinagem dos mundanos...

E qual há de ser a nossa troca, de humilde pureza e santificadoras penitências, que hemos de ofertar como uma veste de pudor à ignomínia de Jesus...

* * *

Mistério da prodigalidade divina, Jesus entregou todo o seu Corpo adorável ao martírio incessante dos golpes duríssimos.

Sua Carne, rósea e imaculada se vincou de lanhadas roxas, depois se abriu em flôres rubras, fios de sangue desceram uma cortina pudica sobre sua nudez, um regato avolumado começou no chão, num murmúrio de cordeiro imolado...

* * *

Jesus quis assim preceder e divinizar tôda a história de nosso sofrimento.

Há dores em nossa infância, na adolescência, nos anos adultos, na descida e no crepúsculo da vida. Nada é poupado ao sofrimento.

Nosso corpo é um mapa dolorido, onde se configuram tôdas as nossas cruces.

Ah! Oxalá clame sempre nosso sangue, não com o clamor de Abel, mas como o Sangue de Cristo...

Não a pedir vingança e justiça, mas a suplicar perdão e misericórdia, ofertando reparação e amor '.

Assim nosso caminho de cruces, se transformará num roteiro de luzes.

Nosso sangue, batizado pelo Sangue de Jesus, será também um sangue redentor.

* * *

Voltemo-nos para Maria, cujos olhos velaram a desnudcz de Jesus.

Cujos ouvidos receberam os gemidos de Cristo.

Cujo Coração confortou o Coração do Senhor.

Ela será também o nosso amparo e fortaleza.

Ela receberá nossa oferta de dores e sacrificios, unirá nossas palavras aos gemidos de Jesus, enriquecendo assim celestemente a nossa prece.

XXXVIII

SANGUE NUMA COROA REAL !

DOI a nossa cabeça muitas vêzes, no curso de nossas enfermidades. Pesa-nos, ocasiona atordoamentos.

Sentimo-nos impossibilitados de rezar, meditar, pensar.

Precisamos ouvir a recomendação de São Francisco de Sales aos enfermos :

A oração do doente é aceitar e oferecer a doença a Nosso Senhor.

Mas sofremos.

Uma verdadeira coroa de espinhos diadema nossa frente.

* * *

Meditemos, pois, naquela outra efusão do Precioso Sangue que foi o terceiro mistério doloroso.

Jesus, coroado de espinhos !

Que pensamentos haviam florescido naquela Cabeça ?

Jesus se ocupava de glorificar o Pai, cuidava de nossa salvação, demorava-se a pensar no amor de Nossa Senhora...

Pensamentos de virtude, justiça, caridade e amor.

Nossa salvação e nosso paraíso, a sua Paixão, a Santíssima Eucaristia, a Santa Igreja, a Providência de Deus, as Flamas do Espírito Santo estendendo-se através dos séculos, até o limiar da Eterna Recompensa...

* * *

Que merecia aquela Cabeça santa ?

Tôdas as coroas, as mais belas, as mais singulares, premiando o amor, a constância, a inteligência, a poesia, a arte, a eloquência, o valor, o serviço do próximo, as conquistas, as vitórias, as dominações, os reinos e impérios...

Mas tendo merecido todos os diademas, a Cabeça de Jesus recebeu uma só recompensa — uma coroa de espinhos !

* * *

Irmãos, adoremos Jesus, neste mistério profundo.

Ele é o nosso Rei e aceitou ser assim coroado de espinhos e sangue, por muito nos amar.

E façamos nossa oferta.

As dores de cabeça que nos oprimem, que nos impedem de elevar nossos pensamentos, e nos magoam como verdadeira coroa de espinhos.

Mas não olvidemos que as nossas dores tocaram a Coroa de espinhos de Jesus, e por isso, elas nos hão de merecer os mais belos pensamentos.

* * *

Sumamente nos agradam as relíquias com que nos presenteiam, preciosos objetos que tocaram os Santos Mártires...

Ora, nossos sofrimentos e dores de cabeça serão também relíquias, se as aproximarmos da Coroa de Espinhos de Jesus.

E hão de merecer para nós a elevação preciosa daqueles divinos pensamentos que ocupavam a mente de nosso Divino Salvador.

* * *

Houve também uma coroa simbólica, dolorosamente abraçando o Coração de Nossa Senhora.

Na sua aparição em Fátima, Ela manifestou Seu Coração, não de rosas coroadas, mas de espinhos.

Aflições por nós, preocupações pela nossa perseverança e salvação, pensamentos dolorosos que,

de sua mente, desciam até seu Coração e A magoavam pungentemente...

* * *

Irmãos, não recusemos os nossos sofrimentos; nosso amor anseia aliviar a Cabeça de Jesus e suavizar o Coração de Maria, ambos tão cruelmente cingidos de coroas de agudos espinhos.

Como amor e desejo de reparação, nós haveremos de rezar também o Terceiro Mistério Doloroso.

DIVINAL POEMA DE SANGUE

LINDOS poemas enriquecem tôdas as literaturas. Há poesias encantadoras que nos arrebatam e extasiam.

Narrações dramáticas ou trágicas, romances aventureiros, apaixonantes novelas, inflamam nossa imaginação e despertam o nosso entusiasmo.

Nada, porém, alcança igualar o Poema do Precioso Sangue.

Êle foi escrito por Jesus, com os rubis de seu Coração, através da Via Dolorosa.

* * *

A Condenação, de Pilatos, encaminhou o Precioso Sangue na Via de nossa Redenção.

A Flagelação e a Coroação abriram as fontes.
E veio o Madeiro acurvar os ombros do Mártir.

As quedas dolorosas marcaram as efusões maiores.

Ele caminhava arrastando angústias, tudo orvalhando em Sangue.

Gotas vivas por tôda a parte, misturadas à poeira das ruas, salpicando o madeiro da cruz, marcando as mãos dos soldados, rorejando as vestes de Maria, alcançando todos os participantes daquela sinfonia rubra de salvações...

Em tórno, as palavras de opróbrios, o chufeio das zombarias, as mofas e casquinadas, tudo foi orlando o Grande Poema.

E as pedradas e os golpes e os escarros...

Que estranho ramallete...

E oprimido ao pêso daquele patíbulo de ignominia por nossos pecados fabricado, Jesus vai compondo em sangue o drama heróico da nossa Redenção.

* * *

Ai! Quão presentes estávamos nas Estações da Via Sacra!

Nós também condenamos Jesus, nós O abandonamos, nós O flagelamos, nós não nos inquietamos com suas quedas dolorosas...

Como algozes, aumentamos com nossos pecados as dores de Jesus...

Mas Jesus quis salvar-nos, santificar-nos, perdoar-nos.

A fim de que pudéssemos levantar até a altura de seus méritos divinos o poema de nossas Vias-Sacras.

* * *

Porque, irmãos, a nossa vida é também uma poesia de dor.

Um poema de resposta à Via-Sacra divina.

Há estações tão dolorosas...

Também muitas vezes somos condenados; juízos injustos e cruéis nos estigmatizam; uma cruz nos é dada, — a cruz da doença, do isolamento, do desconforto.

Caimos. Quedas tão dolorosas do corpo e da alma...

Na via-sacra de nossa vida também encontramos os que nos atiram pedras, caçoam de nós, aumentam-nos o peso da cruz.

São tão poucas as almas compassivas que se acercam de nós para nos aliviar, como o Cirineu, as santas mulheres, como Maria!

Sentimo-nos despojados de todos os acariciados projetos que sonhávamos para o futuro de nossa vida.

Despojamento que nos faz sofrer tanto!

E por fim teremos também a nossa hora, escura e angustiada, do Calvário...

* * *

Mas lembremo-nos que a nossa via-sacra é um poema lindo de resposta ao Poema do Precioso Sangue.

Nossa vida vale a Via Dolorosa de Jesus !
E a sentimos tão alta, tão valiosa, tão preciosa !
Procuremos encontrar Jesus.

Assim como Maria foi esperar o Filho estreme-
cido de suas entranhas virginais, aguardando-O
junto à porta de Efraim, onde aqueles dois cora-
ções puros e mártires, atravessados da mais pun-
gente dor, se ofereceram ao Pai por nós.

E na companhia santa de Nossa Mãe bem-
querida, realizemos com amor a sintonia da Via-
Sacra de nossa vida com a Via-Sacra de Jesus.

UMA FLOR PURPUREIA O GOLGOTA

FOI numa sexta-feira, numa tarde como as nossas tardes doloridas, que se encerrou o ciclo do Precioso Sangue.

Jesus foi crucificado.

Despojado, primeiro, de suas vestes, num gesto profanador e violento, depois atirado ao chão, estirado, pregado no madeiro da cruz.

De novo, o opróbrio da desnudez, a dor cruciante, a agonia...

Ele era o Deus inocente !

Flor de sangue, preço de nossa salvação, pêndulo entre o céu e a terra, como resgate de nossos pecados...

E o céu se inclinou à terra e o homem foi perdoado.

Na cruel apoteose da crucifixão de Jesus, a sentença de nossa condenação foi rasgada, e afixada

à Cruz como um troféu de vitória, de triunfo da misericórdia. de Deus.

* * *

Ali estávamos nós, irmãos.

Quem simbolizava nossa presença?

Por certo não éramos Jesus, o Deus puro e inocente, a mesma Santidade e Justiça.

Nem Maria, a Filha Perfeita de Deus, alma sem mancha, coração sem pecado, a Virgem Virginalíssima, Imaculada Mãe de Deus.

Ah! Não éramos também os algozes impiedosos e duros, que levantavam os ombros.

Nem os judeus odientos, gozando de sua vitória e zombando, blasfemos, do Senhor crucificado...

Nem o supliciado mau, que ainda em seus espasmos da morte desdenhava a salvação...

* * *

Nós estávamos, por certo, configurados naquele sofredor arrependido, que soube santificar suas agonias e dores, arrebatando as felicidades eternas.

Dimas, o Bom Ladrão.

Nós roubamos a glória de Deus, como êle roubara e saqueara a bolsa de seus irmãos.

Nossos pecados graves assassinam Jesus, como Dimas, nas suas tropelias, aos pobres viandantes.

Mas êle arrependeu-se !

Voltou-se para Jesus, adorou-O, amou-O e Lhe pediu, com o mais humilde dos arrependimentos, com a mais vencedora das confianças: — Senhor, lembrai-vos de mim, quando estiverdes no vosso Reino !

E Jesus, num perdão divino, mais célere do que tôdas as contrições humanas: Hoje estarás cmigo no Paraíso.

Dimas, a primeira vitória do Precioso Sangue de Jesus, a primeira conquista das lágrimas de Maria !

Dimas, o primeiro santo canonizado, diretamente pelas palavras infalíveis do Senhor Jesus !

* * *

Irmãos, a nossa contrição, na cruz de nossas dores, há de ser também para nós a trilha luminosa que levou aquele santo Bom Ladrão, — da agonia à glória.

E sentindo a nossa crucifixão, assim como Dimas, volvamos para Jesus o nosso olhar, e, no fêcho glorioso do ciclo de Seu Precioso Sangue, unindo-nos às lágrimas benditas de Maria, Nossa Mãe, roguemos ao Senhor que nos perdoe, que santifique nossas dores, e que nos prometa, fiel e deliciosamente, o seu santo Paraíso.

UM ANJO VELA SÔBRE NÓS

AO partir para longes terras, em peregrinação acidentada de tropeços e sofrimentos, o jovem Tobias teve a proteção visível do arcanjo São Rafael.

Êle ensinou tôdas as estradas, preveniu todos os perigos, acertou todos os negócios, ensejou felicidade e bens materiais.

Reconduziu seu púpilo à casa paterna, com a espôsa, os bens, os remédios para o pai, adiantado em anos e privado da luz de seus olhos.

Que jubiloso agradecimento a comovida enenação das Sagradas Escrituras nos narra no epílogo da formosa história !

Tobias queria dar ao Anjo metade de todos os seus bens.

Êle recusou.

Quem dá cousas do céu, não precisa de tesouros da terra.

* * *

E o cântico de gratidão floresceu, espontâneo nos lábios felizes dos beneficiados :

O Arcanjo conduzira Tobias são e salvo.

Fê-lo ter sua espôsa e seus bens.

Livrou-o do mal.

Libertou-o do demônio.

Restituiu a luz ao velho Tobias.

Deu-lhes todos os bens !

E êles passaram três horas em oração de agradecimento...

* * *

Ora, nós temos também um celeste companheiro, guia, libertador, amigo, bênção de Deus.

Nosso Anjo da Guarda !

Desde a infância, o Anjo Custódio, Príncipe do céu, à ordem de Deus, desce do alto e nos tutela.

Livra-nos dos perigos, dos acidentes, dos pecados.

Faz-nos ter nossas riquezas espirituais.

Levanta nosso olhar, aclara-o para que possamos ver o céu, em nossos caminhos da terra.

Traz-nos remédio e cura nas enfermidades.

* * *

Em nossa doença, o Anjo da Guarda guia o nosso médico no seu diagnóstico, na terapêutica, no regime que nos prescreve.

Sobretudo se é bom o nosso médico, temente a Deus, cumpridor de seus deveres cristãos.

“Os médicos acertariam mais (dizia a Jacinta de Fátima, a menina que viu Nossa Senhora) se rezassem melhor”.

Nosso Anjo da Guarda acompanhou zeloso os movimentos do cirurgião que se debruçou sobre o nosso organismo combalido a fim de que êle nos libertasse do mal invasor.

É o Custódio Tutelar que nos sorri carinhoso no cuidado suave das mãos enfermeiras que pensam nossas feridas, ameigam nossa enfermidade, amparam nossa convalescença...

* * *

Junto a nós, o Anjo de Deus é a Providência do Senhor, o mensageiro de Maria.

Para nos guardar em tôdas as ocasiões, entrar conosco todos os caminhos.

Saudemos nosso Anjo, procuremos honrá-lo, obedecer-lhe.

Tornemo-nos cada vez mais dignos de sua proteção tutelar.

Mereçamos sempre mais o ósculo de luz com que êle virá encontrar-nos, na entrada de nosso Paraíso.

XLII

JESUS CONOSCO NO SACERDOTE

SERÁ necessário, irmãos, que saibamos fechar os olhos do corpo e acender as luzes de nossa Fé, quando um sacerdote de nós se aproxima.

Para que muito longe de qualquer pensamento humano, nós recebamos, fervorosamente, uma visita de Jesus.

Assim como em tôdas as cousas e em tôdas as Hóstias, o Senhor se esconde sob outras aparências, a fim de que saibamos achá-Lo e recebê-Lo com amor.

* * *

Sobretudo porque o Padre, para se acercar de nós, desce do Altar.

E ali, êle foi sacrificado como vítima também.

Êle se identificou com Jesus, — Sacerdote de sua Hóstia e Hóstia de seu sacerdócio.

Assim, o ministro de nossa Eucaristia, é êle também uma vítima.

Há uma relação profunda e inseparável entre o sacerdote e a Hóstia.

A imolação do Cordeiro Divino é o paradigma de tôda vida sacerdotal.

Assim como não há sacrifício sem sacerdócio, também não pode haver sacerdócio sem sacrifício.

* * *

Nas longas meditações de nossas enfermidades, nós pensaremos no sacerdócio.

Os Padres que conhecemos, que nos visitam, que nos trazem Jesus, sua bênção, seus confortos.

Os que não conhecemos, mas cuja vida de sacrifícios e dores não ignoramos, na nossa terra, nas missões, nos países perseguidos e martirizados, em tôda a Santa Igreja.

E rezaremos por êles, a fim de que sempre e cada vez mais sejam Jesus, a visitar, abençoar, e consolar os que sofrem.

* * *

Não esqueceréis que vossa doença também vos colocou num Altar.

A enfermidade levanta uma grande cruz em nossos caminhos e nos convida a abraçá-la.

De tal sorte, que as vossas dores fazem de vós verdadeiras hóstias, e quase sacerdotes que as oferecem.

Não vos toca o pensamento dessa elevação a uma dignidade que imita o Sacerdote e vos avizinha da Hóstia ?

* * *

Recordai que é sempre por amor, que Jesus quer seus ministros identificados com êle na oferta e na vitimação.

Um Sacerdote é um “sacramento do amor de Jesus”.

Também por amor é que o Senhor vos distinguiu com esta elevação, — mercê de vossas enfermidades e dores, — à condição de sacerdotes que oferecem a hóstia dos próprios sofrimentos...

Roguemos a Maria, Mãe do Sumo Sacerdote, Rainha do Clero e nossa Mãe querida, que santifique a todos os sacerdotes, fazendo-os dignos de sua diviníssima investidura, e a todos nós nos alce também à honra e à nobreza de um sofrimento que eleva, diviniza e bemaventura.

NOSSAS DORES NOS TRANSFIGURAM

NOSSOS dias conhecem luzes e trevas. Deus nos concede luzes amáveis, para que aprendamos a aceitar as trevas indesejáveis.

Concede-nos a saúde, etapa luminosa, para que louvemos seus benefícios e trabalhemos com alegria para o bem.

E permite nossa enfermidade, passagem de trevas, a fim de que, desejando a saúde, saibamos resignar-nos e florescer na paciência cristã.

* * *

Na Terra Santa, junto à planície de Esdremon, ergue-se uma imensa montanha, o Tabor.

Isolado e magnífico, é um verdadeiro "altar que Deus fez para si".

Famoso, desde os mais remotos tempos, nas guerras do povo de Israel, que o buscava como um inexpugnável reduto, de agoniadas defesas.

Sua escalada é abrupta, ainda hoje.

Penosa e difícil, preparando em esforços a recompensa de sua ascensão.

Ela evoca a grande figura de Moisés e a varonil presença de Elias.

Os que molduraram a Transfiguração do Senhor.

* * *

Jesus levava seus apóstolos mais chegados.

Os que testemunhariam as aflições de sua angustiada prece no Jardim das Oliveiras.

E precisavam ser robustecidos com a visão das glórias fulgurantes do Tabor...

Eis que o Senhor fêz brilhar suas claridades divinas.

Tão extasiantes, que Pedro arrebatado, desejou ficar sempre ali, naquele antecipado Paraíso de luzes e encantamentos...

* * *

Mas Jesus iria experimentar ainda outras transfigurações.

A basílica que hoje se ergue no topo do Monte Tabor memoriza tôdas as fases transfigurativas do Filho de Deus.

O Deus que se revestiu de homem.

O Homem Deus que se fêz vítima na Cruz.

O Crucificado que perpetua sua imolação na Eucaristia.

Jesus Morto, que se transmuda na glória imortal de Deus eternamente vivo !

* * *

Nossa terra brasileira fêz da Transfiguração a Festa do Senhor Bom Jesus.

Ao pio deliquio de Pedro, antepôs as meditações de Moisés e Elias.

Ao invés de celebrar a Glória, preferiu a Paixão.

E adorou o Bom Jesus, na imagem do **Ecce Homo**, flagelado, coroado de espinhos, mãos amarradas, olhar infinitamente dolorido...

E celebrou o Bom Jesus, no Crucifixo cercado de resplendores, porque não pode haver transfiguração sem agonias, não há raios de triunfo senão em tórno de um corpo martirizado...

* * *

Tudo é lição para nós.

Espelho para os nossos sofrimentos.

Nossa carne enferma, talvez mutilada, flagelada pelos sofrimentos, há de transfigurar-se em luzes de beleza imortal.

Nosso rosto resplandecerá.

Como o alvor da neve brilhará nosso corpo.

O Jardim das Oliveiras ser-nos-á penhor certo da **montanha do Tabor**.

E a cruz da terra, da coroa do céu.

UM SANTO ENSINA A SOFRER

MUITAS bênçãos e contínuas aflições buscaram o caminho da alma apostólica do Santo Cura D'Ars.

Constituíram um halo em tórno de sua vida, tão sofredora e tão edificante.

Enfermidades do corpo, mas sobretudo doenças de alma eram apresentadas aos milhares ante o seu coração, como o de Jesus apiedado à vista de tão inumeráveis misérias...

A Providência o preparou, mercê de obstáculos de tóda a sorte, que semearam cruces penosas em seu caminho, desde os primeiros passos.

* * *

Naquele tempo vivia a França as dificuldades péssimas do interlúdio entre a Revolução Francesa e a Era Napoleônica, sentindo-se a Igreja oprimida e esfacelada com as exigências da constituição civil do clero.

Os padres fiéis, não juramentados, fiéis a Roma, precisavam esconder-se para officiar os sagrados mistérios. Por isso, João Maria Vianey fêz sua Primeira Comunhão numa granja, improvisado santuário de janelas dissimuladas por altos montes de feno.

E foi em atmosfera de provações que decorreu tôda a sua vida.

* * *

Sua juventude foi atribulada.

Iniciou-a no cultivo dos campos, no pastoreio do gado. Ora, êle não tinha fôrças.

Quando lhe faltava coragem, a estimular sua energia, colocava alguns metros adiante sua pequenina imagem de Nossa Senhora, presente de sua mãe, e então, lavrando esforçadamente a terra, alcançava a imagem querida.

Na época do serviço militar, teve que seguir os rapazes de sua idade: em meio ao cominho as fôrças lhe faltaram, e êle se distanciou da tropa. Perdeu-se.

O prefeito de Noës condoido, deu-lhe abrigo em casa de um camponês. Foi assim que o cura d'Ars tornou-se um insubmisso.

* * *

Nesta ocasião deu-se uma passagem tocante.

O próprio Cura d'Ars a contava, muitos anos mais tarde, já velhinho.

Sabendo que seria procurado, êle teve medo, subiu ao celeiro, escondeu-se num grande cesto de feno.

Não tardaram os soldados.

Vasculharam a casa tôda, um dêles correu ao celeiro.

Tomou da baioneta, em gesto explorativo, e afundou-a no cesto de feno.

O moço fugitivo sentiu o ferro machucar-lhe o braço, mas conteve-se, e se quedou imóvel e silencioso...

Mas pensou: — Sou capaz de ficar calado só por amor à minha liberdade... E porque não o faria, por amor de Deus? E fêz incontinenti, o voto de não se queixar jamais.

E, ancião de setenta anos, êle rematava com simplicidade e candura: — Graças a Deus, tenho observado o meu voto...

Sem a coragem de fazer voto semelhante, aprendamos todavia, do Santo Cura d'Ars o espírito de resignação e de silêncio, em nossas dores.

* * *

Aquela vida foi tôda de continuada abnegação.

Perseguido e incompreendido pelos homens, Deus permitiu que o Santo fôsse também visivelmente atormentado pelos demônios, que não o deixavam descansar e o batiam, arrastavam-no fora da cama, queimavam-lhe o leito...

Mas êle não esmoreceu nunca na obra querida da salvação que o céu lhe confiara.

Deus o amparava, Nossa Senhora lhe aparecia para confortá-lo.

Ah! quanto êle amou a Virgem Santíssima! Êle costumava dizer que — “A amou antes mesmo de A conhecer”.

A pequenina imagem de Nossa Senhora, estímulo de seu trabalho êle não a deixava nem mesmo ao dormir.

Com que solenidade comemorava as festividades marianas!

Que dia glorioso foi para êle, aquele 8 de dezembro de 1854 em que o Santo Padre Pio IX proclamou o Dogma da Imaculada Conceição!

O Santo Cura transportado de alegria, delirava de entusiasmo!

Êle, sempre tão humilde, revestiu nesse dia paramentos de veludo e ouro, especialmente desenhados por Bossan, o famoso arquiteto de Notre Dame de Fourvière.

* * *

Irmãos, roguemos ao Santo Cura d'Ars abençoe os Padres que sofrem, os seminaristas que lutam para obedecer à sua vocação.

Peçamos-lhe nos ensine a todos a santificar nossa dor e sofrimento, sem nos queixar, fazendo de nossa cruz um esteio pequenino e amoroso para a grande Cruz de Jesus, Redentora do mundo.

UM MÁRTIR DE FOGO

MÁRTIR quer dizer testemunha. O que oferece, como penhor de sua crença e amor à virtude, o próprio sangue, a imolação da vida.

O que, generoso, não considera sofrimentos e dores, cioso de ofertar a Deus, na própria carne, o complemento da Paixão de Cristo.

Entre as classes de martírios, o fogo é dos mais terríveis.

É com admiração que lemos as atas do martírio de S. Lourenço, diácono de Roma.

Depois de, em nobre precaução, distribuir os bens de sua igreja aos pobres, aligeirado de cuidados, êle enfrentou o martírio.

Preparam-lhe grelhas.

Onde, a pouco e pouco, se-lhe fôssem queimando, atrozmente, os membros desnudos.

E no horroroso tormento, invencível, êle voltouse para o tirano, num gracejo heróico: — Já está pronto dêste lado. Podes voltar-me e devorar, depois...

Testemunha admirável !

* * *

São Paulo nos diz que nós não tivemos ainda que resistir até a efusão do sangue...

Mas Nosso Senhor nos pede, muitas vêzes, êsse testemunho de um quase martírio.

Porque são poucas nossas fôrças, exígua a nossa coragem, — a doença, a intervenção cirúrgica, o tratamento doloroso, a inação e a longa expectativa, a febre, o delírio, são um como fogo lento e martirizante.

Outras vêzes é nossa alma que se afogueia, na inquietação, nas tentações de revolta, nos quase desesperos, — verdadeira fornalha que consome nossa paz, tranqulidade e alegria...

* * *

Irmãos olhemos para os mártires.

Ambicionemos, também, a honra de sermos testemunhas de Jesus Cristo.

São Lourenço mártir teve, na terra, glória admirável.

Em sua honra, Felipe II da Espanha fêz construir o imenso palácio do Escorial, em edifícios monumentais colocados no original traçado arquitetônico de uma grelha gigantesca...

Mas é muito maior ainda a glória do santo no céu, onde eternamente é celebrada entre louvores a sua vitória nobilíssima.

* * *

Aceitemos nossa parte de martírio.

O calor da nossa febre, os contidos ímpetos de nossa alma, os estos de nossa impaciência sopitada, a fim de que o sofrimento alcance insculpir em nossa alma, como na alma dos santos, a imagem crucificada de Nosso Senhor Jesus Cristo.

ROSÁRIO DE NOSSOS TRABALHOS

QUANDO apareceu em Fátima, falando nossa linguagem portuguêsã, credenciada pelas maravilhas apoteoses do sol, encantadora na sua roupagem branco dourada, Nossa Senhora pôs em nossas mãos o seu Rosário.

Para que nós aprendêssemos a sintonizar com êle a nossa vida.

Colocá-lo entre os suspiros e lágrimas de nossa enfermidade, em nossa dor.

Pois tôdas as cousas, grandes e pequeninas, em nossa passagem na terra, se simbolizaram e santificaram nos mistérios do Rosário de Maria.

* * *

Primeiro, os nossos trabalhos, no lar, na família, na sociedade da terra e na comunidade espiritual, na saúde e na doença.

* * *

A imitação de Maria, os nossos labores domésticos, os trabalhos da enfermidade, hão de ser entremeados com as jóias da oração.

Interrompidos, a quando e quando, para uma elevação a Deus, uma prece jaculatória.

E, por certo, nós teremos também um Anjo de anunciação que nos assegure a presença de Jesus, a graça de Deus, a bênção entre os nossos irmãos, a quem poderemos levar o Senhor !

* * *

Porque fazemos visitas, como Maria.

E desejamos ser portadores do Evangelho, da divina presença, dos louvores de Deus.

Nunca serão objetivo de nossas visitas a maledicência, ou a vaidade, ou um mero entretenimento vazio.

Se imitarmos a Virgem da Visitação, nossos parentes e conhecidos, os irmãos também enfermos, a quem buscamos com a finalidade de amor cristão, de serviçalidade, de discreta conquista para Deus, sentirão também — como Isabel e João Batista — o eflúvio eficaz da graça do Divino Espírito Santo.

* * *

Jesus veio santificar a Família.

Quis nascer, virginalmente, na proteção daquele pio e singular matrimônio de José e Maria.

Anelando assim que os lares cristãos, batizados na luz e graça de Deus, se enriqueçam com a virtude varonil de São José, a casta vigilância de Maria e o florescimento, desejado e aceito, de filhos que sejam como o Menino Jesus.

Se nossas dores e lágrimas alcançassem santificar o nosso lar!

* * *

Nossos corações, todos os corações, devem ser levados ao Templo.

Não pertencemos só à família de sangue.

É preciso que vivamos ainda a comunidade espiritual que se concretiza na paróquia, na associação, na entidade religiosa, no hospital, nos companheiros de cura ou de convalescença.

E nos esforcemos, no gesto de apostolado necessário, para levar os outros, enriquecer a família de Deus, comunicar a corações frios e ausentes, a flama preciosa da Fé e do Amor, que herdamos venturosamente.

* * *

Nenhum trabalho pode equiparar-se ao de conservar o Senhor no âmago de nossa vida.

Por isso, ansiosos O haveremos de buscar de novo, se por desgraça nossa O perdêssemos, ou — como Maria — se Ele se escondesse como provação dura em nossa vida espiritual.

Buscá-Lo, não na distração ou no mundo, na atitude febril ou na culposa inércia, mas na oração e no templo, nos sacramentos, no regaço de Maria.

E, certo, O alcançaremos, para delícia de nossa alma e certeza confiante que Ele há de santificar sempre todos os nossos trabalhos, na saúde ou na doença, como os mistérios gozosos do Rosário de Nossa Senhora.

XLVII

ROSÁRIO DE NOSSAS DORES

ENTRE as escassas flôres de nossas alegrias
pungem os muitos espinhos de nossas dores.

É preciso que as elevemos como jóias aquê
escrínio onde o Senhor as quer colocadas, na união
com os rubis do Sangue de Jesus e as pérolas das
lágrimas de Maria.

Sufrimentos do rosário de nossa vida, misté-
rios dolorosos do Rosário de Jesus e de Maria.

Para nós, sobretudo os que a mão de Deus al-
cançou, na eleição da Cruz.

* * *

Tortura-se o nosso coração, tantas vêzes...

Queremos o amor, num desejo de salvação,
num gesto redentor.

Oferecemos o amor, em lágrimas e sangue.

Quantas vêzes o que nos corresponde é indi-
ferença, desprêzo, intenção desviada, pecado...

E a vida é para nós um Horto de Oliveiras,
onde nosso coração agoniza...

* * *

Sofre o nosso corpo, na flagelação de doenças,
acidentes, enfermidades, mutilações, queimaduras
e gilvazes.

As fôrças se quebrantam, adiantam-se os anos
devoradores, esvai-se a nossa saúde, e penamos.

O Têrço nos ensina a calar as nossas queixas,
não elevar as vozes de protesto, curvar-nos aos
desígnios misteriosos do Alto.

Viver, rezando no sofrimento de nossa carne,
o segundo mistério doloroso...

* * *

Cruciam nossos pensamentos, na consideração
dos males presentes e futuros.

Para nós, nossos queridos, a Pátria, a Cris-
tandade...

Como será o amanhã? Como afastar as nu-
vens ameaçadoras, clarear o horizonte sombrio que
antecipa os nossos passos, entenebrecendo o nosso
caminho, as sortes dos nossos, nossa saúde, os des-
tinos de todos os homens?

E sentimos que à nossa frente se cinge um

diadema que nos aperta na alma uma verdadeira coroa de espinhos...

* * *

A existência é uma estrada dolorosa. Uma via Sacra.

Onde somos julgados e condenados.

E recebemos aos ombros desamparados, cruzes pesadas, que outros fazem mais aflitas.

E caímos repetidamente, com dor e vergonha.

E somos espoliados e roubados, na honra, na virtude, nos bens da terra e do céu.

Quão poucos nos lamentam e ajudam, levam nossa cruz ou alimpam nossas lágrimas...

Mas é preciso rezar, com Jesus e Maria, o quarto mistério doloroso.

* * *

Há de chegar o Calvário, para Jesus, para nós.

O instante supremo, que enfeixa as cruzes e ignominias, sofrimentos e dores, abandonos e vitupérios.

Morrer. O quinto mistério da Dor.

Mas, então seremos mais felizes do que Jesus.

Porque Êle para nos redimir e salvar, para obter-nos a graça de uma partida menos desconsolada, morreu na aspereza cruel dos braços de uma cruz.

E nós, exalaremos nosso último suspiro, na maciez inefável da cruz dos braços de Maria.

XLVIII

ROSÁRIO DE NOSSAS ALEGRIAS

HÁ uma parte, rara e gentil, de hinos de triunfo, nas esperanças de nossa peregrinação terrestre.

Diamantes de fulgurante júbilo, entre os rubis das gotas de nosso sangue.

Flôres de alegria, que alçamos à união com os mistérios gloriosos do rosário de Nossa Senhora

E que antecipam, nas clareiras que nos abrem para os céus, os júbilos da Pátria Celeste.

* * *

As ressurreições de nossa alma, de nosso lar, de nossos irmãos, a esperança eucarística de ressurgimento dos nossos corpos, para a imortalidade da Glória.

Não é um verdadeiro mistério glorioso a absolvição sacramental que nos restitui a vida da

graça, a redenção de nossa família, obtida com preces e lágrimas, a conversão de nossos queridos que alcançam enfim iluminar-se com as claridades da Ressurreição ?

* * *

Nossas ascensões cantam mistérios jubilosos.
Elas se condicionam a humildades e submissões.

Como a Escrava de Deus, nós nos esforçamos por dobrar a inteligência, o sentimento, a vontade às determinações divinas, significadas pelos homens, pelos acontecimentos e pelas cousas, a aceitação dos sofrimentos.

Mas quando conseguimos aceitar humildemente, abre asas nossa alma e experimentamos felizes, um vôo de ascensão !

* * *

Nossa vida espiritual é pontilhada de luzes pentecostais.

Inúmeras, em nosso roteiro, as descidas do Espírito Santo, nas graças habituais e atuais, provenientes e concomitantes, que afastam o pequenino cenáculo de nossa vida interior !

Venturosos, como os apóstolos, nós as aguardamos e recebemos na dulcíssima e eficaz companhia de Nossa Senhora, alvissareira garantia dessa efusão luminosa do Amor que prenuncia, no exílio,

os alagamentos felizes de dileção inebriante da Pátria...

* * *

Se o espírito, mercê da humildade, obtém ascensões, a assunção é mérito da carne refreada em castidades.

Ao contemplar a glória da Assunção de Maria, recordamos que êsse caminho de triunfo será também para nossa carne rediviva, se a santificarmos na enfermidade expiadora, e na renúncia continuada e fiel, de uma pureza que nos assemelhe àquela Virgem exultante.

* * *

Maria coroada e Rainha, Partícipe da Natureza Divina em grau altíssimo e transcendente, não é mistério inatingível aos nossos anelos.

Mãe, Ela nos convida a segui-la, prometendo a luz de seu poder e as asas de sua bondade.

Nós viveremos eternamente nosso derradeiro mistério glorioso, na fulgurante claridade de Deus, no aconchego inebriante do amor de Nossa Senhora.

Agradeceremos sem cessar, ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo.

E a Nossa Senhora, osculando o seu Rosário de glórias, cantaremos nossos Salves, nas glórias do Rosário que nos salvou.

FAÇAMOS NOSSA DOR CANTAR

UM poemeto francês apresenta um homem que volta do trabalho. Traz ainda um fardo aos ombros, que os seus penosos labores do dia se prolongam até a chegada no lar.

Cansado em extremo, vai a sentar-se um momento, porque sente exauridas suas fôrças.

Mas, eis que do môlho de feno às suas costas, um pequenino inseto estridula um grito musical inesperado.

E o lavrador renasce em fôrças e alegrias:
— O seu fardo cantou!

* * *

Ora, o nosso fardo é pesado, tantas vêzes, dum pêso que nos parece insuportável.

Queremos depô-lo, atirá-lo de nossos ombros.
Esquecemo-nos de que podemos fazê-lo cantar!

Não traduzindo as alegrias superficiais, os prazeres efêmeros e movediços.

Mas simbolizando a ventura profunda que no imo de nossa alma aprendemos a sentir, no sofrimento que nos alcandora até Deus.

Nossa cruz é virtude, é mérito, é elevação.

Nosso sofrimentos é retôrno ao Pai, união com Deus, salvação de nossos irmãos.

A cruz e o sofrimento são o nosso fardo.

Mas o nosso fardo canta sempre!

* * *

Grande contraste existe entre o gôzo insano e a dor que santifica.

O gôzo deprime, a dor eleva.

Aquele fecha nossos olhos às realidades tôdas, esta nos faz compreender todos os caminhos de Deus.

Um nos rebaixa a nossos próprios olhos.

Outra nos alça à nobreza do próprio Deus!

Nada aprendemos com o prazer, antes nos mantemos nas ilusões pueris dos que tudo ignoram.

Mas o sofrimento amadurece nossa alma, e faz o nosso coração forte.

* * *

Deus criou, sim, as alegrias.

Mas, na terra, os homens as desviaram e deturparam.

Em tal maneira que "é mais difícil santificar um prazer do que privar-se dêle".

Recebamos em reconhecimento as flôres de alegria que o Senhor discreta e sábiamente, nos conceder na vida.

Com desejo sincero de santificá-las sempre. Mas não recusemos as cruzes.

Com maior segurança, elas nos aproximarão do Senhor.

Iluminarão nossos passos, abrirão as asas de nossas esperanças, far-nos-ão cantar nossos anelos santos.

Nos labores do exílio, nos trabalhos e dores.

Mas, sobretudo, na Recompensa da pátria e na coroa do eterno triunfo.

L

SOFRER É AMAR, AMAR É SOFRER

MISTERIOSO elo une o amor e o sofrimento. Uma correlação necessária estreita as chamas do afeto e as esperanças da cruz.

Quando florescem os amores, são como rosas entre espinhos.

Não há amor verdadeiro sem sofrimento.

Não há sofrimento santo sem amor.

* * *

Deus amou e recebeu a Cruz.

O Coração Divino de Jesus que adoramos, é um amor de Deus martirizado pelos homens.

Há suavidades nesta devoção, mas elas, longe de constituírem simples emoções de sentimento, são caminho árduo para as virtudes varonis das mais altas renúncias e difíceis aceitações.

Jesus sofreu porque amou.

E o oceano de suas dores comensurou-se ao infinito de seu amor por nós.

* * *

Maria amou e sofreu.

Seu Coração Imaculado deveria coroar-se de lírios fragrantes e belos.

Mas Ela no-lo mostrou cercado de espinhos.
A Mãe do Amor Formoso é a Rainha das Dores.

* * *

Nossa Senhora nos ensina, terna e pacientemente a união irrecusável entre o amor e o sofrimento.

Aos que particularmente ama, Ela mostra um caminho doloroso.

E coloca a felicidade no coração da cruz.

A Bernadette, a encantadora pastorinha dos Pirineus, eleita filha de sua Imaculada Conceição, a Virgem prometeu: — Far-te-ei imensamente feliz, mas não na terra.

Aos pastorinhos de Aljustrel, inocentes testemunhas dos clarões de Fátima, Nossa Senhora afiançou o céu, mas na perspectiva da cruz:

O Francisco terá de rezar muitos têrços.

A Jacinta vai sofrer, vai morrer sòzinha.

A Lúcia terá que ficar na terra.

(Haverá maior sofrimento do que continuar no mundo, depois de se ter deslumbrado na visão da beleza de Maria?)

* * *

Bernadette aceitou a Via Sacra de sua vida.

Os pequenos de Fátima corajosamente se puseram no caminho e no mérito do martírio.

Aprenderam a amar, aprenderam a sofrer.

Também nós sofremos, e encontramos a via do amor.

Olhem para Nossa Mãe, seu Coração rodeado de espinhos e Lhe ofertemos nossos sofrimentos, porque A amamos de todo o coração.

Para nós, a lição do Coração de Jesus, as mensagens de Lourdes e Fátima.

E nosso coração aprende a rezar, aprende a cantar :

— Amar é sofrer, sofrer é amar !

LAUS DEO ET MARIAE.

ORAÇÃO DOS ENFERMOS

(100 dias de indulgência, uma vez ao dia.
Card. Motta, 11 de maio de 1956).

Senhor Jesus, salvação dos que Vos invocam, cujo Coração é sempre rico de misericórdia e de perdão, ouvi as nossas súplicas, e libertai das angústias e sofrimentos a vossos filhos que confiam na vossa Bondade.

Atendei à nossa prece em favor dos nossos enfermos, pelo alívio dos nossos irmãos aflitos, a fim de que, restituídos com felicidade à saúde do corpo e da alma, possam louvar-Vos em jubilosa Ação de Graças.

Vós, que possuis toda a Onipotência Divina, afastai da fragilidade de nossa condição terrena as enfermidades e desfaiências, de tal sorte que, recuperadas as forças, nossos queridos doentes possam bendizer o Vosso santo Nome.

Hoje como sempre, atendei às súplicas que em nosso favor agora Vos dirige, com carinhosa piedade, Nossa Senhora e Mãe, Rainha dos Mártires e Consoladora dos aflitos, Saúde dos enfermos e Causa de nossa alegria.

Jesus, Filho de Davi, tende compaixão de nós !

Jesus, Filho de Maria, perdoai-nos, salvai-nos !

E que desça dos céus, pela intercessão das lágrimas e dos méritos de Nossa Mãe a Senhora das Dores, sobre todos vós, irmãos enfermos e aflitos, a onipotência de Deus Pai, a luz e a paz de Jesus Filho de Deus, e o suave carinho de Deus Amor o Divino Espírito Santo.

Et benedictio Dei omnipotentis, Patris, et Filii et Spiritus Sancti, descendat super vos et maneat semper. Amen.

Í N D I C E

| | Pág. |
|---|------|
| Dedicatória | 5 |
| Proêmio | 7 |
| Uma visita de Deus | 9 |
| Cruz, Estrada de Luz | 12 |
| Prediletos do Senhor | 15 |
| Austera dignidade do sofrimento | 18 |
| Nosso nome no céu | 21 |
| Nossa Mãe vem visitar-nos | 24 |
| Por que invejar os felizes? | 27 |
| No limiar de maio | 30 |
| Malo entre dores | 33 |
| Coroa das dores de Maria | 37 |
| 1. ^a dor: A espada de Simeão | 41 |
| 2. ^a dor: O exílio no Egito | 45 |
| 3. ^a dor: Os dias de ausência | 48 |
| 4. ^a dor: O encontro da via sacra | 52 |
| 5. ^a dor: No alto do Gólgota | 56 |
| 6. ^a dor: Jesus no regaço de Maria | 59 |
| 7. ^a dor: A soledade | 62 |
| Gozos nas dores de Maria | 66 |
| Coroemos Nossa Senhora | 69 |
| O manto de Nossa Senhora | 73 |
| Nossa Mãe pede por nós | 77 |
| De Maria para Jesus | 81 |
| O Coração de Nosso Deus | 84 |

